



A GENTE PRECISA SE
APOIAR E GARANTIR QUE
TODOS TENHAM AS
MESMAS CHANCES,
INDEPENDENTEMENTE DA
COR DA PELE.

HQ

MANO, VOCÊ TEM RAZÃO! EU NUNCA
TINHA PARADO PRA PENSAR SOBRE
ISSO ATÉ PARTICIPAR DA OFICINA
SOBRE HQ E RACISMO. PRECISAMOS
FALAR MAIS SOBRE ISSO, NÃO SÓ NA
ESCOLA, MAS EM TODOS OS
LUGARES.



QUADRADO!

GUIA PEDAGÓGICO PARA DISCUSSÃO DO RACISMO NO
ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS - HQS

EDWILSON DA SILVA ANDRADE
ANALICE DE OLIVEIRA MARTINS



EDWILSON DA SILVA ANDRADE
ANALICE DE OLIVEIRA MARTINS



NÃO SEJA

QUADRADO!





DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Área de conhecimento: Ensino (Área 46 da CAPES)

Público-alvo: Destina-se a profissionais da área da Educação e do Ensino, com ênfase em docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que desejam incorporar práticas pedagógicas antirracistas e recursos como histórias em quadrinhos em suas atividades escolares.

Finalidade: Oferecer subsídios pedagógicos para a abordagem das relações étnico-raciais e do enfrentamento ao racismo, por meio do uso de histórias em quadrinhos com estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental.

Cidade: Campos dos Goytacazes-RJ **País:** Brasil **Ano:** 2026

Este produto educacional, elaborado por Edwilson da Silva Andrade e Analice de Oliveira Martins, apresenta-se no formato de Guia Pedagógico. Segundo a orientação da CAPES, na Área de Ensino, esse tipo de produto educacional é classificado como material didático/instrucional, englobando propostas de ensino que envolvem: sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual, como manuais, guias, textos de apoio, entre outros.

Neste caso, o produto educacional aqui apresentado é resultado de uma ação pedagógica — uma oficina — desenvolvida com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal localizada no município de Quissamã (RJ). Os resultados dessa ação foram avaliados e, a partir das observações realizadas, procedeu-se ao aprimoramento da prática pedagógica de utilização das histórias em quadrinhos como recurso para a discussão do racismo em sala de aula, culminando no produto educacional *Não Seja Quadrado!* – Guia Pedagógico para discussão do racismo no Ensino Fundamental a partir das histórias em quadrinhos (HQs), apresentado à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino e suas Tecnologias, no Programa de Pós-Graduação do Instituto Federal Fluminense.

O produto educacional *Não seja Quadrado!* Guia Pedagógico para discussão do racismo no Ensino Fundamental a partir das histórias em quadrinhos - HQs © 2026 by Edwilson da Silva Andrade; Analice de Oliveira Martins está licenciado sob



CC BY-NC 4.0

Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International

Para ver uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
SOBRE OS AUTORES	8
Ed e Analice em: <i>Não Seja Quadrado!</i> Guia Pedagógico para discussão do Racismo a partir das HQs	9
REFERENCIAL TEÓRICO	13
Por que usar HQs para discutir o racismo na escola?	14
Racismo, preconceito, discriminação e estereótipos: o que significam e como afetam nossos(as) estudantes?	22
ORIENTAÇÕES GERAIS	29
Como escolher e usar as histórias em quadrinhos para trabalhar o racismo na sala de aula?	30
PASSO A PASSO DAS OFICINAS	37
Ponto de partida para oficinas	38
Oficina 1: Explorando o Racismo por meio de Quadrinhos – Análise de <i>Os Azuis</i> de Maurício de Sousa	39
Oficina 2: A Luta pela igualdade – Martin Luther King Jr., Rosa Parks e o Racismo nos Quadrinhos	43
Oficina 3: Desvendando racismo e estereótipos no Quadrinho <i>Capitão Bonitão</i> de Maurício de Sousa	47
Oficina 4: Desvendando estereótipos a partir de <i>Menu Cabelal</i> de Maurício de Sousa	53
Oficina 5: Desconstruindo estereótipos sobre os Povos Indígenas por meio de Quadrinhos	62
Oficina 6 – Minha Voz em Quadrinhos: do papel à tela com o ChatGPT	69
MATERIAIS COMPLEMENTARES	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	86

APRESENTAÇÃO

O Guia Pedagógico *Não Seja Quadrado!* é um produto educacional inovador, resultado de uma ação pedagógica fundamentada nas contribuições da jornalista, pesquisadora e professora Sonia Maria Bibe Luyten (1985), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e referência pioneira nos estudos acadêmicos sobre histórias em quadrinhos no Brasil. Ao longo deste trabalho, adota-se a expressão quadrinho, conforme empregada nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (anos iniciais), para designar as histórias em quadrinhos e as tiras, terminologia que será utilizada de forma recorrente no corpo do guia.

Com trajetória docente vinculada à Escola de Comunicações e Artes da USP e a programas de pós-graduação em Comunicação, no Brasil e no exterior, Luyten consolidou uma produção intelectual voltada à análise das HQs, do humor gráfico e da cultura pop japonesa, com destaque para o mangá, área da qual é precursora no contexto brasileiro. Desde a década de 1970, ao participar da implantação do primeiro curso regular de histórias em quadrinhos na ECA/USP, a autora defende o uso dos quadrinhos como linguagem legítima no campo educacional e como recurso pedagógico para a reflexão crítica em sala de aula — perspectiva que dialoga diretamente com a proposta deste produto educacional.

Inspirado por essa visão, o guia foi desenvolvido para professores do 5º ano do Ensino Fundamental, podendo ser adaptado a outras etapas da Educação Básica conforme as especificidades de cada turma. Seu objetivo é oferecer subsídios teóricos e práticos para a utilização dos quadrinhos na promoção de uma educação antirracista, crítica e sensível às relações étnico-raciais.

Ao longo de suas páginas, o educador encontrará um percurso estruturado para a realização de oficinas pedagógicas que utilizam os quadrinhos como ponto de partida para o enfrentamento ao racismo. O material está organizado em quatro seções:

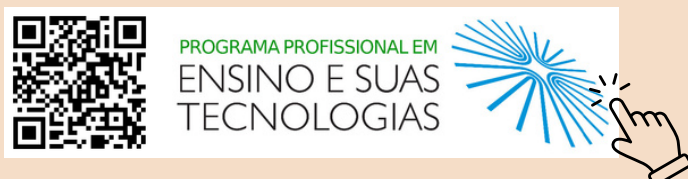
1. Fundamentação teórica, que sustenta a proposta com base em autores consagrados.
2. Orientações gerais para o professor, com sugestões metodológicas e estratégias de mediação.
3. Passo a passo das oficinas e algumas dicas, favorecendo a replicabilidade.

4. Materiais complementares, que ampliam e aprofundam a abordagem.

Além disso, este guia propõe a integração dos quadrinhos com as tecnologias digitais, explorando desde o uso de lousas interativas até plataformas *online* para a realização das oficinas. Essa proposta valoriza a linguagem dos estudantes e promove aprendizagens mais significativas, participativas e inclusivas.

Ao incentivar a desconstrução de estereótipos frequentemente presentes nas narrativas visuais, o material também estimula o protagonismo estudantil, convidando os(as) estudantes a criarem suas próprias histórias e a ampliarem seus repertórios culturais e sociais.

Este guia é fruto de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino e suas Tecnologias (MPET) do Instituto Federal Fluminense (IFF), cuja aplicação pedagógica ocorreu por meio de oficinas com turmas do 5º ano. A pesquisa gerou, além deste guia, a dissertação intitulada *Educação, Relações Étnico-Raciais e Histórias em Quadrinhos: uma proposta pedagógica para a discussão do racismo com estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental*, disponível na página oficial do programa de pós-graduação do IFF:



Para tornar a leitura mais dinâmica e acessível, este guia utiliza recursos visuais que facilitam a compreensão dos conceitos apresentados. Sempre que aparecer a figura de um **boneco palito com uma lupa**, significa que é hora de “investigar”:

ELE APRESENTARÁ O AUTOR, O TEÓRICO OU A BASE CONCEITUAL QUE FUNDAMENTA AQUELA FALA OU CITAÇÃO, AJUDANDO VOCÊ A COMPREENDER O EMBASAMENTO TEÓRICO DE FORMA SIMPLES E LEVE.



Além disso, ao longo do material, sempre que você encontrar o ícone de uma **mão** e/ou de um **QR Code** — como na imagem acima — poderá clicar sobre ele ou escanear o código e ser redirecionado para um vídeo, uma leitura complementar ou outros recursos que ampliam sua formação e aprofundam o tema discutido. Nesse sentido, mais do que um simples material didático, o Guia *Não Seja Quadrado!* surge como um convite à transformação da prática pedagógica: um chamado para que vocês, educadores, se tornem agentes ativos na promoção de uma escola mais justa, diversa e comprometida com a equidade racial.

Para iniciar, o material apresenta os autores e uma História em Quadrinhos (HQ) escolhida especialmente para demonstrar a potência dessa linguagem. Os quadrinhos não são apenas "coisa de criança"; eles funcionam também como um recurso potente para a reflexão de "gente grande", capaz de tratar temas complexos de forma acessível e envolvente. Essa abertura demonstra, desde o início, como a combinação de texto e imagem pode estimular a curiosidade, o diálogo e o pensamento crítico, preparando você, leitor(a), para explorar os conteúdos e recursos pedagógicos apresentados ao longo do guia.

Este material não foi produzido para ser "mais do mesmo". Nosso objetivo é apresentar novas formas de trabalhar a temática das relações étnico-raciais no contexto escolar, mostrando que essas discussões podem acontecer em diferentes momentos do processo educativo, e não apenas em datas comemorativas como o Dia da Consciência Negra ou o Dia dos Povos Indígenas.

A temática étnico-racial nos atravessa diariamente — e não apenas em dias específicos. Ela se revela quando percebemos que nem todos têm as mesmas oportunidades na sociedade ou que pessoas brancas ainda ocupam a maioria dos espaços de destaque. Também se manifesta no currículo escolar e nas práticas pedagógicas, em que estudantes pretos, pardos e indígenas muitas vezes encontram poucas referências que os representem e permitam sua identificação e pertencimento.

Não se trata de falta de capacidade, mas de um conjunto de condições que nem sempre favorecem o tempo e os meios necessários para pesquisar, dialogar, escutar, rever práticas e aprender. Nesse contexto, o tema ainda costuma ser reduzido a aspectos meramente culturais, sem reconhecer o papel histórico, científico, político e intelectual desses sujeitos — papéis que, por muito tempo, a história contada pelo ponto de vista do opressor se encarregou de silenciar ou apagar.

Por meio de imagens e narrativas, os quadrinhos provocam diálogo, despertam empatia e estimulam o pensamento crítico, transformando a sala de aula em um espaço ativo de aprendizagem e resistência.

Os mesmos quadrinhos que, durante muito tempo, foram usados para retratar pessoas negras e indígenas de forma estereotipada e desumanizadora, hoje podem se tornar recursos potentes de reflexão — quando analisados criticamente e ressignificados no contexto educativo.

Assim, ao colocar as Histórias em Quadrinhos no centro da discussão, este guia amplia horizontes e transforma a escola em um território de desconstrução, diálogo e reconstrução de narrativas.

Como bem escreveu a professora, pesquisadora e escritora Bárbara Carine: "Ou a educação é antirracista, ou não é educação."

Vamos juntos transformar a escola em um lugar onde o antirracismo se ensina, se vive e se espalha?

SOBRE OS AUTORES



Edwilson da Silva Andrade é um educador dedicado, com sólida trajetória na educação básica, atuando atualmente como professor do 5º ano do Ensino Fundamental. Com ampla experiência, já exerceu funções como diretor pedagógico e professor orientador, o que enriqueceu ainda mais sua prática educativa. Sua formação inclui graduação em Pedagogia e especializações em Arte-Educação e Relações Étnico-Raciais e Educação, áreas que refletem seu compromisso com a construção de uma educação mais inclusiva e diversa.

Além disso, Edwilson é mestre em Ensino e suas Tecnologias pelo Instituto Federal Fluminense (IFF), onde, em colaboração com sua orientadora, Analice de Oliveira Martins, desenvolveu este Guia Pedagógico com o objetivo de ampliar a reflexão sobre questões raciais no contexto educacional.

Analice de Oliveira Martins é professora titular do Instituto Federal Fluminense (IFF) e possui uma trajetória acadêmica consolidada. É pós-doutora em Literatura Brasileira Contemporânea pela Università degli Studi Roma Tre (2017), doutora em Estudos de Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2004) e mestre em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994). Sua formação também inclui bacharelado e licenciatura em Letras (Português-Francês) pela UFRJ (1990).

Atua como docente no IFF, lecionando disciplinas como Literatura Brasileira, Literatura Comparada e Teoria da Literatura, além de colaborar em programas de pós-graduação na UENF. Seus estudos e pesquisas envolvem os diálogos entre literatura e estudos culturais, questões de identidade cultural e pertencimento, bem como as fronteiras entre literatura e tecnologia. É também pesquisadora do NECEL (Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens), vinculado ao CNPq.



Ed e Analice em

NÃO SEJA QUADRADO! GUIA PEDAGÓGICO PARA DISCUSSÃO DO RACISMO A PARTIR DAS HQS

ENQUANTO ISSO... NA SALA DE ORIENTAÇÃO DO MESTRADO!



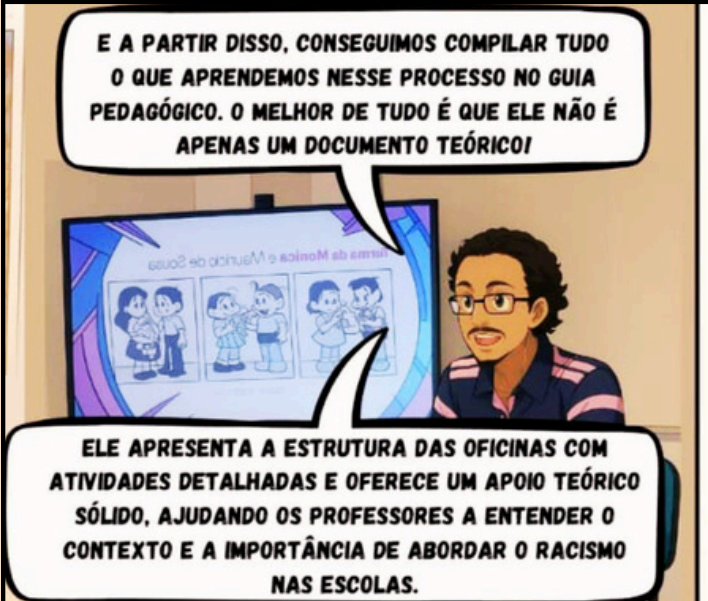
CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA





SIM! A EXPERIÊNCIA PRÁTICA COM OS ALUNOS DO 5º ANO FOI ESSENCIAL. A OFICINA QUE DESENVOLVEMOS FOI A OPORTUNIDADE DE COLOCAR EM AÇÃO AS IDEIAS DA PESQUISA!

USAMOS OS QUADRINHOS PARA TRAZER À TONA DISCUSSÕES SOBRE O RACISMO, SUAS ORIGENS E COMO ELE AINDA IMPACTAVA A VIDA. DE UM JEITO LEVE E CRIATIVO, ELES SE SENTIRAM MAIS À VONTADE PARA FALAR SOBRE O TEMA.



E A PARTIR DISSO, CONSEGUIMOS COMPILAR TUDO O QUE APRENDEMOS NESSE PROCESSO NO GUIA PEDAGÓGICO. O MELHOR DE TUDO É QUE ELE NÃO É APENAS UM DOCUMENTO TEÓRICO!

ELE APRESENTA A ESTRUTURA DAS OFICINAS COM ATIVIDADES DETALHADAS E OFERECE UM APOIO TEÓRICO SÓLIDO, AJUDANDO OS PROFESSORES A ENTENDER O CONTEXTO E A IMPORTÂNCIA DE ABORDAR O RACISMO NAS ESCOLAS.



CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA



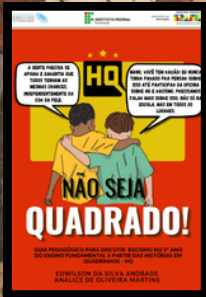
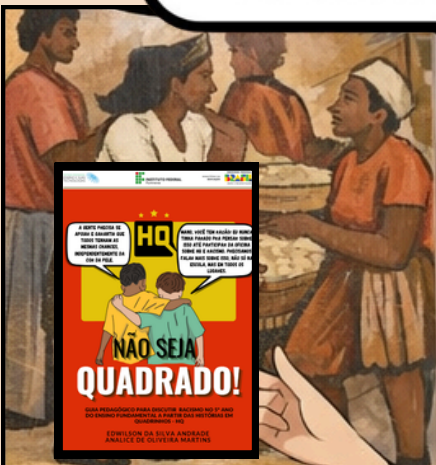
ALÉM DISSO, O GUIA TAMBÉM INCLUI MECANISMOS PRÁTICOS PARA QUE OS PROFESSORES POSSAM ACESSAR E REPLICAR AS OFICINAS EM SUAS PRÓPRIAS TURMAS.

COM ISSO, ACREDITAMOS QUE OS PROFESSORES TERÃO TODAS AS FERRAMENTAS NECESSÁRIAS PARA CRIAR UM AMBIENTE DE APRENDIZADO QUE NÃO SÓ DISCUTA O RACISMO, MAS TAMBÉM PROMOVA ATIVAMENTE A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DE MANEIRA TRANSFORMADORA.

E O MAIS IMPORTANTE DE TUDO: A POSSIBILIDADE DE PERSONALIZAR O TRABALHO CONFORME AS REALIDADES DE CADA SALA DE AULA. AFINAL, CADA GRUPO DE ALUNOS TEM SUAS PARTICULARIDADES, E É ESSENCIAL QUE O EDUCADOR TENHA FLEXIBILIDADE PARA ADAPTAR AS ATIVIDADES.

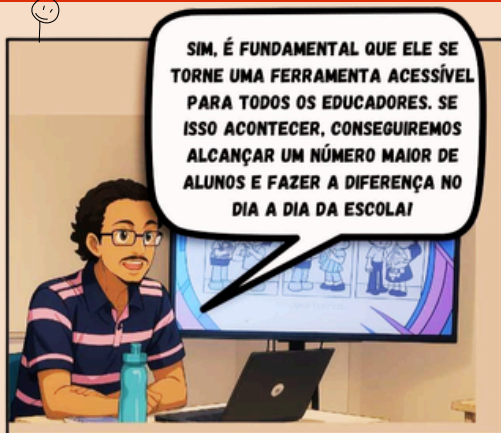


ED, O MAIS IMPORTANTE AGORA É QUE ESSE GUIA SEJA LIDO, UTILIZADO E, PRINCIPALMENTE, REPLICADO. QUEREMOS QUE OS PROFESSORES SE APROPRIEM DESSE MATERIAL E O COMPARTILHEM COM SEUS COLEGAS. O OBJETIVO É QUE ELE SE ESPALHE PARA ALÉM DA NOSSA PESQUISA E CAUSE UM IMPACTO REAL NA PRÁTICA EDUCATIVA.



CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA

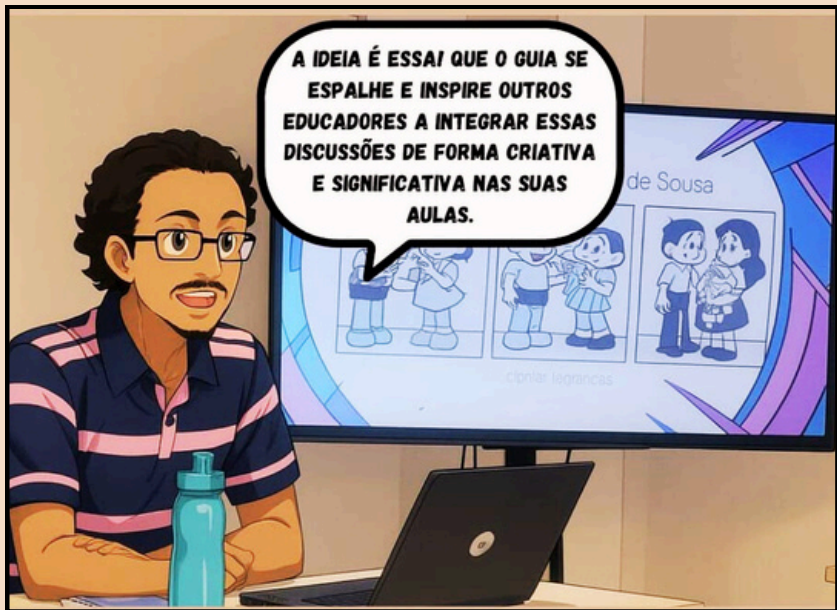




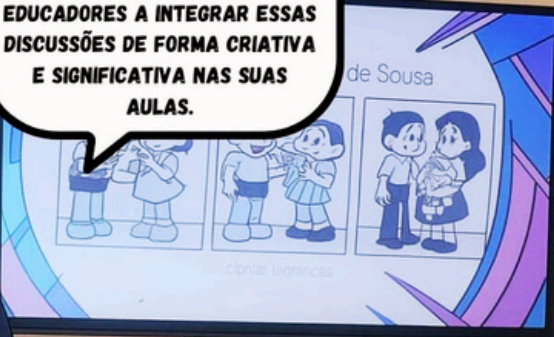
SIM, É FUNDAMENTAL QUE ELE SE TORNE UMA FERRAMENTA ACESSÍVEL PARA TODOS OS EDUCADORES. SE ISSO ACONTECER, CONSEGUIREMOS ALCANÇAR UM NÚMERO MAIOR DE ALUNOS E FAZER A DIFERENÇA NO DIA A DIA DA ESCOLA!



'EXATO! E CADA VEZ MAIS PROFESSORES VÃO SE SENTIR CONFIANTES PARA TRABALHAR ESSE TEMA DE MANEIRA MAIS ABERTA E REFLEXIVA, TORNANDO O AMBIENTE ESCOLAR MAIS INCLUSIVO.



A IDEIA É ESSA! QUE O GUIA SE ESPALHE E INSPIRE OUTROS EDUCADORES A INTEGRAR ESSAS DISCUSSÕES DE FORMA CRIATIVA E SIGNIFICATIVA NAS SUAS AULAS.



FIM

REFERENCIAL TEÓRICO



O conhecimento dos grandes
pensadores ganha vida nas mãos de
quem ensina.

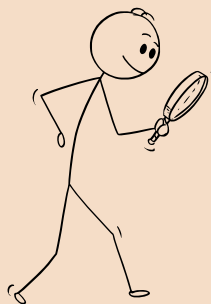


POR QUE USAR HQS PARA DISCUTIR O RACISMO NA ESCOLA?

Professor(a), você já percebeu como os olhos dos estudantes brilham quando têm uma história em quadrinhos nas mãos? As HQs fazem parte do universo cultural de muitas crianças e adolescentes — seja nas revistas, nos gibis clássicos ou nas telas dos celulares e tablets. E é justamente por essa familiaridade e potência comunicativa que elas se tornam um excelente recurso pedagógico, especialmente quando o objetivo é falar de temas sérios e urgentes, como o racismo.

A proposta deste guia pedagógico nasce do desejo de aproveitar toda a força das HQs para criar espaços de diálogo, escuta, crítica e aprendizado sobre as relações étnico-raciais. E, para isso, caminhamos ao lado de pesquisadoras e pesquisadores que há décadas vêm mostrando o valor dessa linguagem na escola.

O pesquisador Waldomiro Vergueiro (2022), referência nacional nos estudos sobre histórias em quadrinhos, afirma que é justamente nos primeiros anos da escolarização que as crianças começam a perceber e identificar diferenças entre pessoas e grupos sociais. Isso significa que, sim, o 5º ano é um momento estratégico para propor atividades que favoreçam o reconhecimento da diversidade e o combate ao preconceito.



WALDOMIRO VERGUEIRO É PROFESSOR E PESQUISADOR BRASILEIRO, REFERÊNCIA NO ESTUDO DOS QUADRINHOS NO PAÍS. ELE FOI UM DOS FUNDADORES DO OBSERVATÓRIO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA USP, ESPAÇO DEDICADO À PESQUISA ACADÊMICA SOBRE HQS. SEU TRABALHO AJUDA A ENTENDER COMO OS QUADRINHOS SÃO IMPORTANTES PARA A EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO.

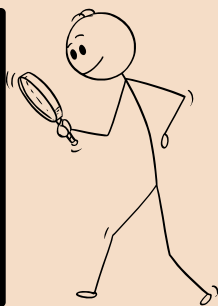


Entretanto, nas práticas escolares, o uso das HQs ainda é, muitas vezes, limitado a exercícios de interpretação textual ou gramática. Mas os quadrinhos são muito mais do que isso! Eles têm cor, movimento, expressividade, crítica, humor e emoção — elementos que podem transformar a sala de aula em um espaço mais envolvente e significativo.

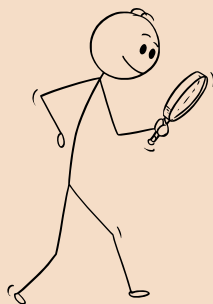
A jornalista e pesquisadora Sonia Bibe Luyten, uma das pioneiras no estudo das HQs no Brasil, já dizia lá em 1985 que os quadrinhos podem (e devem!) ser usados para debater temas profundos com os estudantes — incluindo o racismo. Na época, sua proposta era ousada. Hoje, continua sendo necessária.



SONIA LUYTEN É PESQUISADORA E PROFESSORA BRASILEIRA, PIONEIRA NOS ESTUDOS ACADÊMICOS SOBRE MANGÁ E ANIMÊ NO BRASIL. ELA FOI RESPONSÁVEL POR INTRODUIR O TEMA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS JAPONESAS NA UNIVERSIDADE, FORMANDO MUITOS PESQUISADORES DA ÁREA. SEU TRABALHO DESTACA A IMPORTÂNCIA DA CULTURA POP JAPONESA E SUA INFLUÊNCIA NA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO.



E, como estamos cercados por novas tecnologias digitais, que fazem parte do cotidiano dos(as) estudantes, integrar os quadrinhos a essas ferramentas torna o trabalho ainda mais potente. Como destaca Ana Elisa Ribeiro (2018), essas tecnologias, mesmo quando não trazem grandes inovações, têm o poder de revitalizar conteúdos, colorir ideias e dar nova vida a práticas pedagógicas que, por vezes, se tornaram desinteressantes.



ANA ELISA RIBEIRO É PROFESSORA, PESQUISADORA E ESCRITORA BRASILEIRA, COM ATUAÇÃO NA ÁREA DE LINGUAGENS, LETRAMENTO E TECNOLOGIA. ELA É DOCENTE NO CEFET-MG E DESENVOLVE ESTUDOS SOBRE LEITURA, ESCRITA E O USO DE MÍDIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO. ALÉM DA PESQUISA ACADÊMICA, É AUTORA DE LIVROS E TEXTOS QUE APROXIMAM CIÊNCIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA DE FORMA ACESSÍVEL.

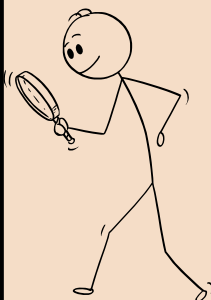


A partir disso, surge a pergunta que guia esta pesquisa: Como as aulas com HQs podem ajudar na construção de uma educação antirracista com estudantes do 5º ano?

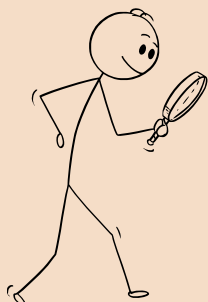
Para responder a essa pergunta, apoiamos-nos no referencial teórico da pesquisa, nas orientações dos documentos oficiais e nas reflexões de estudiosos, como os que aqui estão sendo devidamente apresentados — dentre eles, Bárbara Carine Soares Pinheiro (2023), autora que se autodenomina “intelectual diferentona”, termo por ela cunhado para afirmar uma produção intelectual comprometida com a ruptura de paradigmas eurocentrados, a valorização de epistemologias negras e a defesa de uma educação explicitamente antirracista —, os quais nos convidam a repensar o currículo, os objetivos de ensino e, acima de tudo, o compromisso ético da escola com a formação de cidadãos conscientes e críticos.



BÁRBARA CARINE É PROFESSORA, PESQUISADORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E ATIVISTA BRASILEIRA, RECONHECIDA POR SEU TRABALHO NA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA. DEFENDE UM CURRÍCULO QUE VALORIZA A DIVERSIDADE E QUESTIONE OS PRECONCEITOS, APROXIMANDO A CIÊNCIA DA REALIDADE DOS ESTUDANTES. COM UMA LINGUAGEM ACESSÍVEL, PROVOCATIVA E INSPIRADORA, BUSCA TRANSFORMAR A ESCOLA EM UM ESPAÇO DE CONSCIÊNCIA CRÍTICA, EMPATIA E INCLUSÃO.



Os quadrinhos, como afirma o consagrado teórico Will Eisner (1999), são uma forma artística e literária que combina imagens e palavras para contar histórias, dramatizar ideias e provocar emoções. E é justamente essa capacidade de narrar — de tocar o sensível — que os torna um recurso precioso para refletir sobre como o racismo é construído, representado e, muitas vezes, naturalizado.



WILL EISNER FOI UM DOS MAIORES AUTORES DE QUADRINHOS DO MUNDO E É CONSIDERADO O "PAI DA GRAPHIC NOVEL". CRIADOR DE *THE SPIRIT*, ELE REVOLUCIONOU A NARRATIVA VISUAL AO TRATAR OS QUADRINHOS COMO ARTE E LITERATURA. SEU TRABALHO INFLUENCIOU GERAÇÕES DE ARTISTAS E AJUDOU A CONSOLIDAR OS QUADRINHOS COMO UMA FORMA SÉRIA DE EXPRESSÃO CULTURAL.



Figura 1 - Tirinha de Quadrinhos *Armandinho*: Racismo, preconceito e ódio: disfarçados de humor



Fonte: BECK, Alexandre Cechetto. *Armandinho*. Página do Facebook – *Armandinho*. Disponível em:

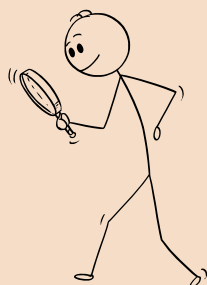
<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1994307180614578>

[/?rdg](#). Acesso em: 25 abr. 2025.

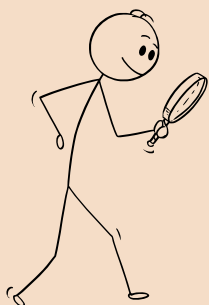
Sabemos que muitos personagens negros, indígenas e asiáticos ainda são representados nos quadrinhos de forma caricata, animalizada ou estereotipada. Segundo Nobu Chinen (2019), os exageros fazem parte da linguagem gráfica do humor, mas o próprio autor alerta que há um limite entre o cômico e o ofensivo — e esse limite precisa ser discutido em sala de aula.



NOBU CHINEN É PESQUISADOR E ESCRITOR BRASILEIRO, ESPECIALISTA EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E CULTURA POP. ELE ESTUDA COMO OS QUADRINHOS DIALOGAM COM A SOCIEDADE E PODEM SER USADOS NA EDUCAÇÃO E NA REFLEXÃO CRÍTICA. É AUTOR DE LIVROS E ARTIGOS QUE AJUDAM PROFESSORES E LEITORES A COMPREENDEREM MELHOR A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS.



Nesse sentido, trabalhos como o do ilustrador e cartunista brasileiro Alexandre Cechetto Beck, criador da tira *Armandinho* — um personagem infantil contestador, cujas histórias abordam temas polêmicos, em especial as questões sociais — abrem espaço para o debate crítico e reflexivo.



ALEXANDRE BECK É CARTUNISTA BRASILEIRO E CRIADOR DO PERSONAGEM ARMANDINHO. EM SUAS TIRINHAS, ABORDA TEMAS COMO RESPEITO, ÉTICA, DIVERSIDADE E MEIO AMBIENTE, USANDO HUMOR E SENSIBILIDADE PARA PROVOCAR REFLEXÃO E ENSINAR VALORES HUMANOS. SUA INSPIRAÇÃO VEM DO COTIDIANO, DOS COSTUMES E COMPORTAMENTOS DAS PESSOAS, QUE ELE TRANSFORMA EM HISTÓRIAS SIMPLES E EDUCATIVAS.



Ao trabalharmos com quadrinhos em sala de aula, não estamos apenas incentivando a leitura. Estamos, junto com os(as) estudantes, aprendendo a ler o mundo, a questionar injustiças e a enxergar as histórias que se escondem por trás das imagens. E isso é parte essencial do que chamamos de uma educação antirracista.

Nesse caminho, os quadrinhos também se revelam um recurso potente para a recomposição da aprendizagem, pois favorecem a retomada e o aprofundamento de habilidades fundamentais de leitura e interpretação, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando as defasagens intensificadas no período pós-pandemia. Ao explorar esse gênero em sala de aula, convidamos os(as) estudantes a identificar informações explícitas, interpretar sentidos implícitos e conversar sobre o que leram. Essas experiências ajudam a fortalecer

a leitura, a interpretação e a argumentação, ao mesmo tempo em que contribuem para a educação das relações étnico-raciais, pois incentivam a escuta, o respeito às diferenças e a reflexão sobre situações de preconceito e desigualdade. Assim, o trabalho com quadrinhos se consolida como uma estratégia pedagógica que articula o desenvolvimento das habilidades de leitura com a formação crítica dos(as) estudantes.

Figura 2 - Tirinha de Quadrinhos *Armandinho*: Construa pontes! Não muros.



Fonte: BECK, Alexandre Cechetto. *Armandinho*. Página do Facebook – *Armandinho*.

Disponível

em:

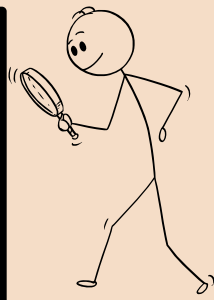
https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1994307180614578/?_rdr. Acesso em: 20 set. 2025.

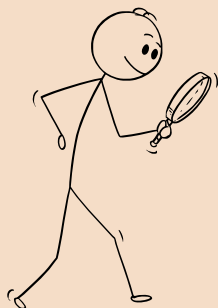
Quando as HQs trazem à tona temas como racismo e desigualdade, abrem espaço também para a construção da empatia, permitindo que os estudantes compreendam diferentes pontos de vista e reconheçam a importância do respeito às diferenças. O uso pedagógico dos quadrinhos ultrapassa a função de recurso didático complementar, constituindo-se como uma estratégia relevante para a recomposição da aprendizagem, a formação de leitores mais conscientes e o engajamento dos(as) estudantes em uma postura crítica diante das relações étnico-raciais na sociedade.

Como defendem as professoras e pesquisadoras Monique Ferreira Gadioli e Tânia Mara Pedroso Müller (2017), a escola precisa valorizar todas as identidades — e não apenas a branca — reconhecendo os saberes, vivências e culturas da população negra e indígena. Para isso, torna-se fundamental romper silêncios historicamente construídos e criar espaços seguros de diálogo sobre o racismo.



MONIQUE FERREIRA GADIOLI É MESTRE EM RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PELO CEFET/RJ E GRADUADA EM LETRAS. ATUA COMO PROFESSORA NAS REDES MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU E ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO, DEDICANDO-SE À EDUCAÇÃO INCLUSIVA E AO TRABALHO COM AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. PARTICIPOU DA OBRA *BRANQUITUDE*, ORGANIZADA POR TÂNIA MARA PEDROSO MÜLLER E LOURENÇO CARDOSO, CONTRIBUINDO COM REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE, DIVERSIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS.





TANIA MARA PEDROSO MULLER É PESQUISADORA, PROFESSORA E DOUTORA EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ). SUA ATUAÇÃO É VOLTADA PARA OS ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, COM FOCO EM COMO LIVROS E IMAGENS ESCOLARES REPRESENTAM A POPULAÇÃO NEGRA. TAMBÉM SE DEDICA A REFLEXÕES SOBRE RACISMO, BRANQUITUDE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES, CONTRIBUINDO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA, INCLUSIVA E ANTIRRACISTA.



É nesse contexto que os quadrinhos ganham ainda mais potência, pois possibilitam transformar discussões complexas em experiências visuais que convidam à reflexão, como na tirinha em que crianças pintam a palavra “preconceito”, ressignificando-a coletivamente.

Figura 3 - Tirinha de Quadrinhos *Armandinho*: Apagando o velho preconceito



Fonte: BECK, Alexandre Cechetto. *Armandinho*. Página do Facebook – *Armandinho*.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1994307180614578/?rdr>. Acesso em: 20 set. 2025.

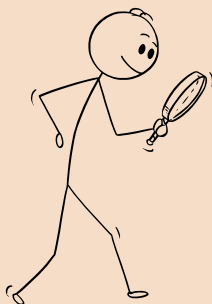
Esse gesto simbólico traduz a possibilidade de desconstruir narrativas excludentes e, ao mesmo tempo, construir sentidos novos e compartilhados, abrindo caminho para uma educação genuinamente antirracista. Como destaca o professor e historiador Tulio Vilela (2022), os quadrinhos podem servir como ponto de partida para tratar temas difíceis com leveza e profundidade. E, como toda linguagem artística, eles ajudam as crianças a expressarem seus sentimentos, dúvidas e descobertas de forma criativa.



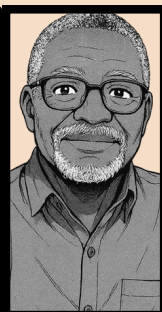
TULIO VILELA É BACHAREL E LICENCIADO EM HISTÓRIA PELA USP E MESTRE EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. ATUA COMO PROFESSOR DE HISTÓRIA NA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO E TEM EXPERIÊNCIA EM TECNOLOGIA EDUCACIONAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES. PESQUISA O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, ENSINO DE HISTÓRIA E TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO.



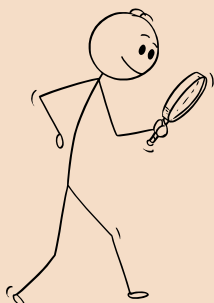
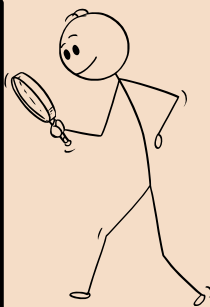
No entanto, discutir racismo exige também olhar para a história. Como alerta o antropólogo e professor Kabengele Munanga (2015), é fundamental diferenciar o problema da história da história do problema. Ou seja, precisamos compreender como o racismo foi construído, perpetuado e legitimado ao longo do tempo. Estudos como os da professora, pesquisadora e ex-Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Nilma Lino Gomes (2001), e do filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe (2018) mostram que ele é estrutural, atravessa currículos, práticas pedagógicas e livros didáticos — e deve ser enfrentado com intencionalidade e coragem.



KABENGELE MUNANGA É ANTROPÓLOGO E PROFESSOR APOSENTADO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). NASCIDO NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO E NATURALIZADO BRASILEIRO, É UMA DAS MAIORES REFERÊNCIAS NOS ESTUDOS SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E IDENTIDADE NEGRA NO BRASIL. EM SUAS OBRAS, DISCUTE TEMAS COMO RACISMO, CULTURA AFRO-BRASILEIRA E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E PLURAL.



NILMA LINO GOMES É PEDAGOGA, PROFESSORA APOSENTADA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG), PESQUISADORA E EX-MINISTRA DAS MULHERES, DA IGUALDADE RACIAL E DOS DIREITOS HUMANOS. É UMA DAS MAIORES REFERÊNCIAS NOS ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO, IDENTIDADE NEGRA E MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL. FOI A PRIMEIRA MULHER NEGRA A OCUPAR O CARGO DE REITORA DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL NO PAÍS — A UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB).



ACHILLE MBEMBE É FILÓSOFO, HISTORIADOR E CIENTISTA POLÍTICO CAMARONÊS, RECONHECIDO MUNDIALMENTE COMO UMA DAS PRINCIPAIS REFERÊNCIAS DO PENSAMENTO PÓS-COLONIAL E UM DOS INTELLECTUAIS MAIS INFLUENTES DA ATUALIDADE. SEUS ESTUDOS ABORDAM O COLONIALISMO, O RACISMO E AS DINÂMICAS DE PODER, INTRODUZINDO CONCEITOS FUNDAMENTAIS COMO O DE “NECROPOLÍTICA”, QUE ANALISA COMO O CONTROLE SOBRE A VIDA E A MORTE É EXERCIDO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS.



Por isso, usar HQs para discutir o racismo na escola vai muito além de trazer uma linguagem lúdica para a sala de aula. Elas nos ajudam a explorar temas como preconceito, discriminação e relações étnico-raciais de um jeito acessível e instigante, permitindo que os(as) estudantes desenvolvam leitura crítica, argumentação e empatia. Assim, os quadrinhos se tornam um recurso potente para formar leitores atentos e cidadãos conscientes.

Afinal,

Figura 4 - Tirinha de Quadrinhos *Armandinho*: Pensamentos de Paulo Freire



Fonte: BECK, Alexandre Cechetto. *Armandinho*. Página do Facebook – *Armandinho*.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1994307180614578>

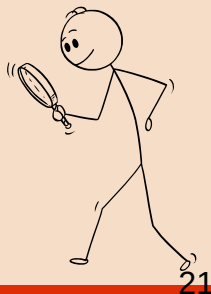
[/?_rdr](#). Acesso em: 20 set. 2025.

Na próxima seção, queremos convidar você a aprofundar essa reflexão conosco. Vamos explorar juntos conceitos importantes, como racismo, preconceito, discriminação e estereótipos, buscando compreendê-los a partir das situações do dia a dia da escola e também da vida fora dela, cientes de que esses conceitos não se esgotam neste material. Inspiramo-nos em Paulo Freire, que nos lembra da importância de assumirmos uma postura epistemologicamente curiosa, aberta ao diálogo e à problematização da realidade (Freire, 2006).

É nessa perspectiva freireana que propomos conversar sobre a importância de conhecer e diferenciar esses conceitos. Esse movimento nos ajuda a agir de forma mais consciente no cotidiano escolar, a proteger nossos estudantes e a enfrentar situações de preconceito e discriminação. Dessa forma, contribuímos para a construção de práticas pedagógicas voltadas para uma educação mais justa, crítica e inclusiva.



PAULO FREIRE FOI EDUCADOR E FILÓSOFO BRASILEIRO, RECONHECIDO COMO UM DOS MAIORES PENSADORES DA EDUCAÇÃO NO MUNDO. NA OBRA *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO*, O AUTOR DEFENDE QUE O APRENDIZADO DEVE SER UM ATO CRÍTICO, CONSCIENTE E LIBERTADOR. SEU PENSAMENTO INSPIRA PRÁTICAS EDUCATIVAS VOLTADAS PARA A JUSTIÇA SOCIAL, O DIÁLOGO E A TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE.



RACISMO, PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E ESTEREÓTIPOS: O QUE SIGNIFICAM E COMO AFETAM NOSSOS(AS) ESTUDANTES?

Antes de trabalhar o tema em sala de aula, é importante que nós, educadores e educadoras, tenhamos clareza sobre o que significam conceitos como racismo, preconceito, discriminação e estereótipos. Muitas vezes, no dia a dia escolar, esses termos são usados de forma confusa ou até mesmo tratados como se fossem sinônimos de *bullying*. No entanto, cada um deles possui características próprias, e compreender suas diferenças é fundamental para orientar os(as) estudantes de forma crítica e consciente.

- **Racismo**

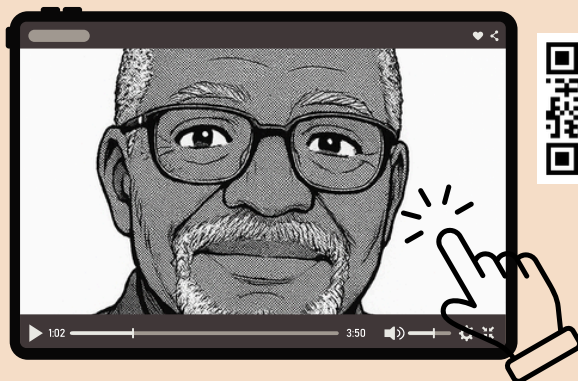
Ouvimos essa palavra muitas vezes em nosso dia a dia, mas talvez não tenhamos parado para refletir que se trata de um termo que designa a ideologia que defende a superioridade de um determinado grupo (raça e/ou etnia) sobre outro. O termo se originou da ideia de raça, cujo conceito vem das ciências biológicas e traz a crença na existência de grupos humanos geneticamente diferentes, que apresentariam características físicas, psicológicas e capacidades intelectuais distintas. A partir dessa noção, o racismo é compreendido como uma forma de violência estrutural, ou seja, não está apenas em atitudes individuais, mas em sistemas que organizam a sociedade e produzem desigualdades. Como explica Nilma Lino Gomes (2005), ele é um conjunto de ideias, valores e crenças que estabelecem hierarquias entre grupos sociais, considerando alguns superiores e outros inferiores.

No Brasil, esse processo tem raízes profundas no período da colonização, quando povos indígenas e africanos escravizados foram considerados inferiores aos colonizadores europeus. Essa visão racista serviu como justificativa para a exploração da mão de obra escravizada e para a expropriação das terras indígenas. A ideia de superioridade dos colonizadores sobre esses grupos não apenas legitimou a violência física e simbólica, mas também estruturou desigualdades que persistem até hoje. Essa herança colonial continua presente na forma como a sociedade enxerga e trata pessoas negras e indígenas, especialmente por meio da cor da pele, do tipo de cabelo e de outros traços fenotípicos.

O racismo, além de ser moralmente inaceitável, é crime previsto em lei (Lei nº 7.716/1989). Reconhecer sua origem histórica e sua permanência estrutural é um passo essencial para compreender por que ele ainda impacta, de forma tão intensa, a vida de milhões de brasileiros.

Para aprofundar o entendimento sobre o que é racismo e como ele se manifesta na sociedade, recomendamos a palestra do antropólogo Kabengele Munanga intitulada *Racismo - O Crime Perfeito*. Nessa apresentação, Munanga explora como o racismo é uma ideologia que hierarquiza a diversidade humana, tornando-se um "crime perfeito" por operar de forma invisível e estrutural. Ele discute também a importância de compreender o racismo como um fenômeno que vai além de atitudes individuais, sendo enraizado em sistemas sociais e históricos.

Você pode assistir à palestra completa no vídeo abaixo:



Clique acima para ser direcionado ao vídeo

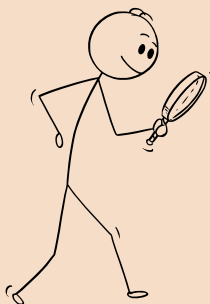
• **Preconceito e discriminação**

O preconceito pode ser entendido como uma ideia pré-concebida, um julgamento negativo sobre alguém ou algum grupo, sem que haja uma experiência direta ou conhecimento verdadeiro sobre a pessoa ou grupo em questão. Como aponta Nilma Lino Gomes (2005), o preconceito se caracteriza por ser um julgamento inflexível, mantido independentemente de fatos que possam contestá-lo, envolvendo tanto a percepção que o indivíduo tem de si mesmo quanto a concepção sobre o outro. Quando esse preconceito se transforma em ação, temos a discriminação, que pode ser compreendida como a prática concreta do preconceito. Enquanto racismo e preconceito existem no plano das crenças, valores e julgamentos, a discriminação se manifesta nas atitudes e comportamentos que efetivam essas ideias. Por exemplo: acreditar que uma criança negra é “menos inteligente” é preconceito; negar a ela uma oportunidade por causa disso é discriminação.

A partir dessas práticas, o racismo se efetiva, pois combina julgamentos negativos, ações discriminatórias e estruturas sociais que mantêm hierarquias e desigualdades, reforçando a exclusão e a marginalização de grupos historicamente oprimidos.

• Estereótipos

Já os estereótipos são ideias fixas e simplificadas sobre pessoas ou grupos, que muitas vezes reforçam preconceitos e desigualdades. Por exemplo, afirmar que “negros são ótimos atletas” ou que “indígenas são preguiçosos” reduz a diversidade dos sujeitos e limita a percepção sobre suas capacidades. Como explica o sociólogo Ellis Cashmore (2000), estereótipos são generalizações exageradas sobre características ou comportamentos de grupos inteiros. Embora possam parecer neutros ou até positivos, na maior parte das vezes são negativos e prejudicam pessoas e comunidades. Entre a população negra, por exemplo, há o estereótipo de que seriam naturalmente mais habilidosos para atividades físicas e esportivas, mas incapazes de ocupar cargos de liderança ou profissões intelectuais. Já os povos indígenas são frequentemente retratados como “perfeitos para a vida na mata”, mas sem aptidão para a vida urbana ou profissões modernas, estigmas que reforçam sua exclusão e marginalização. Mulheres negras enfrentam estereótipos que as hipersexualizam ou as reduzem a funções subalternas, como empregadas domésticas, enquanto homens negros são injustamente associados à criminalidade ou vistos como ameaça social.



ELLIS CASHMORE É SOCIÓLOGO BRITÂNICO E PROFESSOR VISITANTE NA ASTON UNIVERSITY, CONHECIDO POR SEUS ESTUDOS SOBRE CULTURA, MÍDIA E ESPORTE. EM SUAS PESQUISAS, ANALISA COMO O RACISMO E OUTRAS FORMAS DE PRECONCEITO SE MANIFESTAM NO ESPORTE E NA SOCIEDADE. É AUTOR DO *DICIONÁRIO DE RELAÇÕES ÉTNICAS E RACIAIS*, OBRA DE REFERÊNCIA PARA COMPREENDER CONCEITOS SOBRE RAÇA, ETNIA E DIVERSIDADE CULTURAL.



Combater estereótipos é uma tarefa fundamental na escola. Para isso, é importante apresentar aos(as) estudantes exemplos de pessoas negras e indígenas que atuam em diferentes áreas, mostrando que essas populações sempre contribuíram e continuam contribuindo para a nossa sociedade.

Entre eles, podemos citar:

- Zumbi dos Palmares (1655–1695) – líder do maior quilombo da história do Brasil. Desconstrói o estereótipo de passividade dos negros escravizados, mostrando que sempre houve luta, organização e resistência contra a escravidão.
- Dandara dos Palmares (século XVII) – guerreira quilombola. Rompe com a imagem estereotipada da mulher negra apenas como submissa ou destinada ao trabalho doméstico, ao mostrar força, estratégia e liderança.

- Sepé Tiaraju (1723–1756) – líder guarani, herói da resistência indígena. Rompe o estereótipo do indígena como “passivo” ao mostrar organização política e luta por território.
- Chico Rei (século XVIII) – rei africano escravizado que conseguiu comprar sua liberdade e a de outros, fundando comunidades livres. Desconstrói a ideia de que pessoas negras escravizadas eram apenas vítimas sem protagonismo.
- Machado de Assis (1839–1908) – maior escritor brasileiro, fundador e presidente da Academia Brasileira de Letras. Rompe o estereótipo de que pessoas negras não ocupam espaços de destaque intelectual e literário.
- André Rebouças (1838–1898) – engenheiro e inventor, um dos maiores intelectuais negros do século XIX, atuou pela abolição da escravidão. Rompe o estereótipo de que negros não tinham acesso ou capacidade para áreas técnicas e científicas.
- Carolina Maria de Jesus (1914–1977) – escritora, autora de *Quarto de Despejo*. Mostra que mulheres negras, mesmo em condições de pobreza extrema, são produtoras de conhecimento e cultura.
- Abdias Nascimento (1914–2011) – artista, intelectual e político, fundador do Teatro Experimental do Negro. Desconstrói a ideia de ausência de protagonismo negro nas artes e na política.
- Milton Santos (1926–2001) – geógrafo e intelectual, reconhecido mundialmente, ganhador do Prêmio Vautrin Lud (considerado o Nobel da Geografia). Desconstrói o estereótipo de que negros não alcançam excelência acadêmica e científica em nível internacional.
- Lélia Gonzalez (1935–1994) – intelectual e militante, referência no feminismo negro. Desconstrói a visão de que mulheres negras não produzem teoria, sendo um marco no pensamento social brasileiro.
- Bárbara Carine (contemporânea) – professora, pesquisadora e escritora. Enfrenta o estereótipo de que mulheres negras não podem ser referências acadêmicas, sendo exemplo de educação antirracista.
- Jurema Werneck (contemporânea) – médica e feminista, diretora da Anistia Internacional Brasil. Rompe o estereótipo de que mulheres negras não têm lugar de liderança em saúde, direitos humanos e política internacional.
- Ailton Krenak (contemporâneo) – escritor e filósofo. Desconstrói o estereótipo de que indígenas são “atrasados” ao mostrar pensamento sofisticado, que influencia até mesmo debates internacionais sobre meio ambiente.
- Daniel Munduruku (contemporâneo) – escritor e professor, autor de mais de 60 livros. Rompe a visão de que indígenas não produzem literatura e conhecimento formal, sendo referência em educação e cultura.

- Sônia Guajajara (contemporânea) – Ministra dos Povos Indígenas. Desconstrói o estereótipo de que indígenas não participam da política nacional, sendo a primeira indígena ministra no Brasil.
- Davi Kopenawa Yanomami (contemporâneo) – líder e xamã Yanomami. Rompe a ideia de que indígenas vivem isolados e sem participação social, sendo reconhecido internacionalmente como defensor dos direitos humanos e ambientais.
- Gersem Baniwa (contemporâneo) – professor e pesquisador. Desconstrói o estereótipo de que indígenas não frequentam ou produzem ciência acadêmica, sendo referência na educação intercultural.

Esses são apenas alguns dos nomes que lembramos, mas eles já mostram como é importante pensar nos estereótipos como ferramentas que tentam apagar a imagem de pessoas negras e indígenas que construíram e ainda constroem a nossa história. Muitas vezes, aprendemos nos livros escolares apenas sobre figuras brancas, enquanto grandes intelectuais, artistas, cientistas, líderes políticos e educadores negros e indígenas são deixados de lado. Quando recuperamos e valorizamos essas trajetórias, mostramos aos estudantes que nossa história é muito mais diversa e rica do que geralmente é apresentada, ajudando a desconstruir preconceitos e a fortalecer o respeito às diferentes identidades que formam o Brasil.

- **E o bullying?**

O *bullying* é uma forma de violência que acontece de maneira repetida, geralmente entre colegas na escola. Ele pode aparecer em apelidos maldosos, agressões físicas ou até quando alguém é deixado de lado de propósito. Assim como o racismo, o *bullying* causa sofrimento e também precisa ser combatido (Lei nº 14.811/2024). Porém, existe uma diferença importante: qualquer criança pode sofrer *bullying*, mas o racismo atinge de forma especial pessoas de grupos historicamente discriminados, como negros e indígenas. Por isso, é fundamental não confundir os dois fenômenos e compreender que o racismo tem raízes muito mais profundas e estruturais em nossa sociedade.

Por que é importante conceituar?

Quando não diferenciamos conceitos como racismo, preconceito, discriminação, estereótipos e *bullying*, corremos o risco de tratar situações de forma equivocada, ignorando a gravidade de algumas delas. Por exemplo, se uma criança negra é chamada de “asfalto” e isso é considerado apenas uma “brincadeira de mau gosto”, perdemos a oportunidade de intervir de maneira educativa e mostrar que se trata de

racismo — uma prática grave, que atinge não apenas o indivíduo, mas a coletividade, e é prevista em lei como crime. O *bullying*, por sua vez, também é crime (Lei nº 14.811/2024) e pode afetar qualquer estudante, envolvendo agressões verbais, físicas ou psicológicas repetidas. A diferença é que o racismo é estrutural, histórico e direcionado a grupos marginalizados, enquanto o *bullying*, embora grave, não se apoia em uma desigualdade social sistemática. Compreender essas diferenças é o primeiro passo para agir de forma justa e proteger todos os(as) estudantes.

Saber conceituar esses termos nos permite agir com clareza e responsabilidade. Mais do que corrigir comportamentos isolados, é papel da escola formar uma consciência crítica nos estudantes, ajudando-os a identificar e combater práticas racistas, preconceituosas e discriminatórias em qualquer contexto social. Como destacam Gadioli e Müller (2017), discutir o racismo desde os primeiros anos de escolaridade é fundamental para construir uma educação verdadeiramente antirracista. E é justamente aqui que as histórias em quadrinhos se tornam um recurso valioso, trazendo essas discussões para a realidade da sala de aula.

As histórias em quadrinhos são grandes aliadas nesse processo. Elas permitem que os(as) estudantes vejam situações de racismo, preconceito, discriminação e estereótipos de forma concreta, por meio de personagens, diálogos e imagens. Mesmo quando os quadrinhos apresentam personagens estereotipados, o trabalho do(a) professor(a) em sala de aula pode transformar essas situações em oportunidades de discussão, mostrando por que certos comportamentos ou representações são problemáticos e como desenvolver uma postura crítica diante deles.

Além disso, os quadrinhos favorecem o trabalho com ideias implícitas nas narrativas, estimulando leitura crítica, interpretação e argumentação. Quando a história não desafia diretamente os estereótipos, o(a) professor(a) pode apresentar exemplos de personalidades negras e indígenas que construíram e continuam construindo nossa história, como escritores, cientistas, líderes comunitários e políticos. Essa abordagem evidencia como a mídia e representações populares frequentemente distorcem ou ocultam essas contribuições, ajudando os(as) estudantes a perceber que estereótipos não refletem a realidade. Ao integrar conceitos de racismo estrutural e histórico, discutidos por Kabengele Munanga, e a ideia de racismo como tecnologia social de poder, apresentada por Achille Mbembe, os estudantes compreendem que as desigualdades não se limitam a atitudes individuais, mas atravessam instituições, práticas culturais e representações midiáticas, reforçando a necessidade de reflexão crítica sobre as narrativas nos quadrinhos.

Dessa forma, os quadrinhos tornam o aprendizado mais envolvente e significativo, promovendo empatia, consciência crítica e compreensão das desigualdades. Eles ajudam nossos(as) estudantes a refletir sobre o mundo ao seu redor e a agir de forma ética, respeitosa e inclusiva. Mesmo materiais que não desafiam diretamente estereótipos podem ser usados como ponto de partida para discutir a construção histórica de preconceitos, mostrando aos(as) estudantes exemplos de pessoas negras e indígenas que transformaram a sociedade e desconstruíram ideias preconcebidas.

Ao aproximar o conteúdo das HQs com a realidade social, os(as) estudantes aprendem não apenas a identificar preconceitos e discriminações, mas também a compreender como eles se estruturam e se mantêm ao longo do tempo. Assim, o uso dos quadrinhos se torna um recurso pedagógico potente para desenvolver leitura crítica, argumentação, empatia e percepção ética, preparando os(as) estudantes para atuar de maneira consciente e transformadora no mundo.

Vimos, até aqui, a importância de utilizar HQs para discutir o racismo, bem como a necessidade de compreender e conceituar racismo, discriminação, preconceito e estereótipos. Isso fica evidente na tirinha de *Armandinho*, que nos ajuda a refletir sobre esses temas.

Figura 5 - Tirinha de Quadrinhos *Armandinho*: Preconceito se trata com Educação



Fonte: BECK, Alexandre Cechetto. *Armandinho*. Página do Facebook – *Armandinho*.

E como o preconceito se enfrenta com educação, nas próximas seções apresentaremos orientações gerais para que você, professor(a), possa utilizar os quadrinhos como recurso pedagógico. Incluiremos sugestões metodológicas e estratégias de mediação que favoreçam a discussão sobre o racismo. Também mostraremos a importância de selecionar HQs adequadas e planejar atividades que estimulem debates e explorem narrativas capazes de levar os(as) estudantes a refletirem sobre preconceito, discriminação, estereótipos e *bullying*, transformando essas reflexões em experiências significativas e contribuindo, assim, para a formação de cidadãos críticos, conscientes e inclusivos.

ORIENTAÇÕES GERAIS

MESTRADO PROFISSIONAL
ENSINO E SUAS
TECNOLOGIAS



USAR HQS PARA DISCUTIR
RACISMO É POTENTE, MAS
ATENÇÃO: SEM PREPARO, O
DIÁLOGO PODE PERDER FORÇA. É
PRECISO CONHECER BEM OS
FUNDAMENTOS PARA
TRANSFORMAR A SALA DE AULA
EM ESPAÇO CRÍTICO E
CONSCIENTE.



INSTITUTO FEDERAL
Fluminense

COMO ESCOLHER E USAR AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA TRABALHAR O RACISMO NA SALA DE AULA?

O primeiro passo para trabalhar com histórias em quadrinhos (HQs) na sala de aula é a escolha consciente do material. Essa seleção não deve ser aleatória: é fundamental que o(a) professor(a) analise com atenção a forma (linguagem, estética, narrativa) e o conteúdo (temas, mensagens e valores transmitidos), pois ambos influenciam diretamente o desenvolvimento da atividade pedagógica. Outro aspecto central na seleção é a definição clara dos objetivos educacionais que se pretendem alcançar. Em suma, o ponto essencial desse processo é identificar HQs que estejam adequadas ao propósito pedagógico desejado, garantindo que o uso do recurso seja intencional e contribua para aprendizagens significativas.

Ao escolher o material, observe atentamente:

- Forma: como os personagens são representados? Que recursos visuais e textuais são utilizados?
- Conteúdo: quais temas aparecem? A narrativa reforça estereótipos ou abre espaço para reflexão?
- Potencial pedagógico: de que modo essas HQs podem ajudar a discutir preconceito, racismo, discriminação e estereótipos com os (as) estudantes?

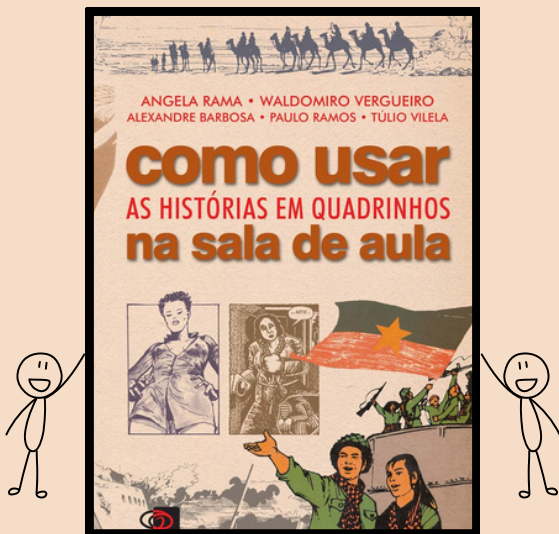
Se a história apresenta estereótipos, por exemplo, não significa que deva ser descartada automaticamente. Pelo contrário: com uma mediação consciente, o(a) professor(a) pode transformar esse material em um recurso valioso, abrindo espaço para discutir com os(as) estudantes por que certas representações são problemáticas e como podemos pensar de maneira crítica sobre elas — por exemplo, questionando por que o personagem foi retratado assim e que outras formas de representação seriam possíveis.

Esse cuidado de seleção é parte integrante do planejamento pedagógico, pois garante que as HQs sejam utilizadas com intencionalidade — não apenas como entretenimento, mas como instrumento para formar leitores críticos, capazes de interpretar o mundo e agir com consciência diante das desigualdades. Ao planejar suas aulas ou oficinas, certifique-se de que a escolha das HQs esteja sempre alinhada aos objetivos educacionais que você deseja desenvolver com sua turma.

Além disso, é necessário avaliar se o quadrinho é compatível com a faixa etária dos estudantes e considerar a importância de o(a) professor(a) ter familiaridade com a linguagem dos quadrinhos, pois isso torna o trabalho em sala de aula ainda mais potente.

Uma leitura indispensável para ampliar o alcance dessa proposta é o livro *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*, de Angela Rama e Waldomiro Vergueiro. Nele, os autores apresentam diferentes possibilidades metodológicas para trabalhar as HQs em contextos educativos, destacando que elas podem ser usadas como fonte de informação, como recurso para análise crítica de representações sociais ou ainda como estímulo à produção criativa dos(as) estudantes. Esse olhar dialoga diretamente com a temática do racismo, pois permite ao(a) professor(a) explorar as HQs não apenas como entretenimento, mas como instrumento de reflexão sobre desigualdades e preconceitos. Por exemplo, ao analisar uma tirinha que traga estereótipos raciais, é possível aplicar a metodologia sugerida no livro para promover uma leitura crítica com os(as) estudantes: identificar os elementos problemáticos, discutir seus impactos e, em seguida, propor a criação de novas versões da tirinha, agora com personagens representados de maneira positiva e respeitosa. Dessa forma, a obra de Rama e Vergueiro ajuda o(a) professor(a) a enxergar os quadrinhos como recurso didático versátil, capaz de estimular tanto a leitura e a escrita quanto a reflexão crítica e o engajamento dos(as) estudantes na construção de uma educação antirracista.

Figura 6 - Capa do Livro de Angela Rama e Waldomiro Vergueiro



Fonte: <https://www.livrarialdm.com.br/como-usar-as-historias-em-quadrinhos-na-sala-de-aula-29162-p2911>

Além de ter familiaridade com a linguagem dos quadrinhos, o(a) professor(a) que deseja trabalhar a temática étnico-racial no espaço escolar precisa compreender que seu papel vai muito além do uso de um recurso didático: é necessário assumir-se como um(a) educador(a) antirracista. Como afirma a professora e escritora Bárbara Carine Soares Pinheiro (2023), ser antirracista exige consciência de si e do lugar que ocupamos dentro dos sistemas de opressão que estruturam a sociedade. Mais do que uma escolha, trata-se de um compromisso histórico e de um dever ético da nossa profissão.

Nesse caminho, sugerimos a leitura de duas obras fundamentais: *Como ser um educador antirracista*, de Bárbara Carine, e *Pequeno manual antirracista*, de Djamila Ribeiro. Ambas oferecem orientações práticas e reflexões profundas que podem ajudar o(a) professor(a) a se preparar para atuar de forma coerente com a construção de uma escola inclusiva, justa e consciente das desigualdades que precisamos combater.

Figura 7 - Capa dos livros sugeridos para leitura



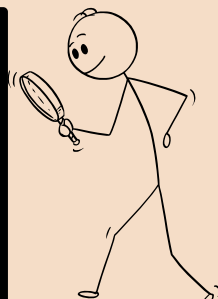
Clique na imagem para ver a entrevista com a autora do livro “Como ser um educador antirracista” e ler o livro “Pequeno Manual antirracista” em PDF.

Fonte: <https://www.amazon.com.br/Como-ser-educador-antirracista-professores/dp/8542221257>

<https://shopee.com.br/Livro-Pequeno-Manual-ANTIRRACISTA-Djamila-Ribeiro-i.406870509.13822959384>



DJAMILA RIBEIRO É UMA FILÓSOFA, ESCRITORA E ATIVISTA BRASILEIRA, REFERÊNCIA NO DEBATE SOBRE FEMINISMO NEGRO E QUESTÕES RACIAIS NO BRASIL. SUA OBRA *PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA* APRESENTA, DE FORMA SIMPLES E PRÁTICA, 10 PASSOS PARA REFLETIR E AGIR CONTRA O RACISMO NO DIA A DIA. O LIVRO É UM CONVITE PARA QUE TODOS ASSUMAM RESPONSABILIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E IGUALITÁRIA.



Como temos visto até aqui, não basta apenas selecionar o material que será utilizado em sala de aula: é essencial que você, professor(a), tenha domínio da linguagem dos quadrinhos e do conteúdo, além de desenvolver um olhar antirracista em sua prática para ser o(a) mediador(a) desse processo. Mais do que explicar conceitos, sua missão é ajudar os(as) estudantes a compreenderem que racismo, preconceito e estereótipos são construções sociais que precisam ser questionadas e superadas. Como lembra Roberto Elísio dos Santos (2002), os quadrinhos não apenas entretêm, mas também podem provocar reflexões, questionamentos e debates importantes. Assim, cada HQs, quando bem trabalhada, pode se transformar em um ponto de partida para práticas pedagógicas verdadeiramente transformadoras.



ROBERTO ELÍSIO DOS SANTOS É PROFESSOR E PESQUISADOR ESPECIALIZADO EM COMUNICAÇÃO E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. ATUA COMO VICE-COORDENADOR DO OBSERVATÓRIO DE HQS DA ECA-USP E É AUTOR DE OBRAS COMO *PARA RELER OS QUADRINHOS DISNEY* E *O TICO-TICO: 100 ANOS*. SEU TRABALHO INVESTIGA A REPRESENTAÇÃO CULTURAL E POLÍTICA NOS QUADRINHOS E JÁ FOI RECONHECIDO COM O TROFÉU HQ MIX, UMA DAS MAIORES PREMIAÇÕES DO GÊNERO NO BRASIL.

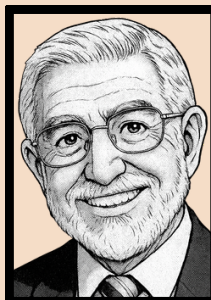


Como organizar as aulas e oficinas com histórias em quadrinhos?

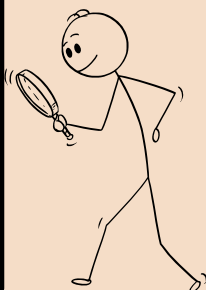
Depois de selecionar as histórias em quadrinhos, o(a) professor(a) deve planejar a organização das aulas ou oficinas levando em consideração alguns aspectos práticos que fazem toda a diferença no andamento das atividades:

- Tempo de duração: cada oficina pode ser realizada em cerca de 90 minutos, mas esse tempo pode ser adaptado de acordo com o ritmo e a realidade da turma.
- Materiais: utilize recursos simples e acessíveis, como papel, lápis de cor, revistas para recorte, quadrinhos impressos ou digitais, projetor, lousa digital e até mesmo cartolinas.
- Espaço: organize a sala de forma acolhedora, em um ambiente que valorize a escuta, o respeito e a participação de todos os(as) estudantes.

Pensar nos aspectos mencionados é muito importante, mas o essencial é refletir sobre os objetivos, os conteúdos e o melhor método a ser explorado. Como afirma o professor José Carlos Libâneo (2007), os objetivos antecipam resultados e processos esperados; os conteúdos formam a base — conhecimentos e habilidades — mas é na combinação das atividades e na maneira como o processo de ensino e aprendizagem é conduzido que tudo ganha sentido.



JOSÉ CARLOS LIBÂNEO É UM IMPORTANTE EDUCADOR E PESQUISADOR BRASILEIRO, CONHECIDO POR SUAS CONTRIBUIÇÕES NA ÁREA DA DIDÁTICA E DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES. É DOUTOR EM EDUCAÇÃO E AUTOR DE OBRAS CLÁSSICAS COMO *DIDÁTICA*, MUITO UTILIZADA NOS CURSOS DE LICENCIATURA. SEU TRABALHO BUSCA APROXIMAR TEORIA E PRÁTICA, OFERECENDO AOS PROFESSORES CAMINHOS PARA UM ENSINO MAIS DEMOCRÁTICO E INCLUSIVO.



Desse modo, tanto no planejamento quanto no desenvolvimento das aulas, o essencial é escolher estratégias que tornem o aprendizado realmente significativo. Por isso, ao longo deste guia, apresentaremos algumas práticas inspiradas nas oficinas realizadas durante a pesquisa. É importante destacar que o termo oficinas refere-se a atividades educacionais práticas e interativas, voltadas a promover a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades em um ambiente colaborativo. Ou seja, continuam sendo aulas, mas rompem com a ideia tradicional de que esse momento se resume ao professor expondo um conteúdo para os estudantes. Fundamentados em Libâneo (2007), compreendemos a aula como qualquer forma de organização didática planejada e conduzida pelo(a) professor(a), com o propósito de favorecer o ensino e a aprendizagem de maneira ativa e participativa.

Para que essas aulas/oficinas não se limitem a experiências pontuais, mas contribuam de fato para uma prática pedagógica transformadora, é fundamental adotar estratégias que aproximem os conteúdos da realidade dos(as) estudantes e estimulem sua participação. A seguir, apresentamos sugestões práticas de mediação, inspiradas nas oficinas realizadas durante a pesquisa, que podem ser adaptadas ao contexto de cada turma e utilizadas como caminhos para discutir o racismo e fortalecer a educação para as relações étnico-raciais.

- Acolhimento inicial

Comece explicando, de forma simples e clara, o que será trabalhado. Valorize os saberes que os(as) estudantes já trazem sobre o tema e incentive-os(as) a compartilhar suas experiências.

- Leitura ou exibição dos quadrinhos

Apresente os quadrinhos selecionados que dialogam com a temática. Faça leituras coletivas, ou intercaladas dos balões de fala, chamando a atenção para os personagens, os diálogos e as situações representadas. Essa atividade pode ser projetada em tela digital ou feita com exemplares impressos distribuídos para a turma.

Se perceber que os(as) estudantes têm dificuldades em compreender informações implícitas, leia junto com eles, destacando diálogos, imagens e expressões. Estimule perguntas simples, como: O que está acontecendo aqui? Como esse personagem está sendo tratado?

- Roda de conversa

Crie um espaço de diálogo para que os(as) estudantes expressem o que sentiram e pensaram ao ler a história. Utilize perguntas guiadas para facilitar a participação.

- Análise das representações

Procure aproximar o conteúdo das HQs da realidade dos(as) estudantes, mostrando que racismo, preconceito e discriminação não estão apenas nas páginas das histórias, mas também em situações reais. Estimule-os a relacionar a narrativa com o cotidiano da escola, da comunidade ou até da mídia.

- Recriação e desconstrução de estereótipos

Proponha que criem novos finais ou versões alternativas para as HQs, desconstruindo estereótipos. Incentive-os a desenhar ou escrever como os personagens poderiam ser representados de forma positiva.

- Ampliação do repertório

Apresente personagens negros e indígenas que rompem com estereótipos, tanto em HQs quanto na vida real — escritores, cientistas, professores, líderes políticos e comunitários. Mostre também como muitas vezes a mídia invisibiliza essas figuras, embora sejam fundamentais na construção da nossa sociedade.

É importante destacar que as orientações gerais apresentadas neste guia não esgotam as possibilidades de trabalho com as histórias em quadrinhos, mas indicam caminhos iniciais para sua utilização. Discutir o racismo por meio das HQs requer preparo, clareza de objetivos e planejamento pedagógico. O quadrinho, por si só, não garante a reflexão crítica: ele é apenas um recurso, uma ferramenta que, quando bem mediada, pode transformar a sala de aula em um espaço de

aprendizagem consciente, de diálogo e de construção coletiva de uma educação antirracista.

Para potencializar o uso das HQs como recurso pedagógico, durante nossas oficinas buscamos explorar também os recursos tecnológicos digitais já presentes no espaço escolar. A lousa digital, por exemplo, mostrou-se uma grande aliada, pois permite o acesso a uma ampla gama de materiais — como vídeos, imagens, gráficos e animações — enriquecendo as atividades e ampliando as possibilidades de diálogo. Além disso, seu uso é bastante intuitivo e prático, permitindo que o(a) professor(a) concentre sua atenção no ensino e na aprendizagem, e não no manuseio da tecnologia. Vale ressaltar também que todo o material utilizado nas oficinas foi produzido na plataforma Canva, possibilitando a criação de PDFs interativos, que, ao serem utilizados na lousa digital, redirecionavam para outros recursos, como vídeos e leituras complementares, tornando a experiência mais dinâmica, envolvente e significativa para os(as) estudantes.

Mesmo com todos esses recursos, como observa Ana Elisa Ribeiro (2018), ainda há muito trabalho pela frente se quisermos reeditar aulas mediadas por dispositivos de tecnologia digital de forma efetiva e transformadora. Ou seja, a tecnologia é um suporte valioso, mas o ponto central continua sendo a mediação pedagógica que promove o engajamento, a reflexão e a construção coletiva do conhecimento.

Temos plena consciência de que a realidade das escolas públicas em nosso país é muito diversa, e nem todas contam com os mesmos recursos tecnológicos disponíveis. Por isso, o Guia foi pensado para ser flexível: o material pode — e deve — ser adaptado conforme as condições de cada escola. O mais importante é que o(a) professor(a) se sinta livre para recriar, ajustar e encontrar alternativas que dialoguem com sua prática e com a realidade dos(as) estudantes.

PASSO A PASSO DAS OFICINAS E ALGUMAS DICAS



PONTO DE PARTIDA PARA OFICINAS

Antes de iniciar as oficinas sobre o racismo utilizando histórias em quadrinhos (HQs), é importante lembrar que esse tema exige sensibilidade e preparo. O primeiro passo é criar um ambiente de confiança. Para isso, antes das atividades, é importante estabelecer um **acordo coletivo**, reforçando valores como respeito mútuo, confidencialidade e participação honesta. Esse acordo serve como guia para que todos se sintam à vontade para se expressar.

É importante pensar em algumas ações fundamentais para que as oficinas sejam conduzidas da melhor maneira possível. Dentre elas, destacamos:

1. **Ambiente seguro** – As atividades devem ser conduzidas em clima de respeito e acolhimento. O apoio da equipe pedagógica da escola, em especial do orientador educacional, não é uma exigência para todos os momentos, mas torna-se essencial em situações de discussões acaloradas — ainda que respeitadas —, pois garante suporte e mediação quando necessário. A equipe, especialmente, o(a) professor(a) deve estar atenta às reações dos(as) estudantes e preparados(as) para intervir diante de diferentes situações.
2. **Escuta ativa e respeito** – Os(as) estudantes devem ser encorajados a compartilhar opiniões e sentimentos de forma respeitosa, sabendo que podem buscar apoio sempre que se sentirem desconfortáveis.
3. **Uso equilibrado de recursos digitais** – Selecionar os melhores materiais e evitar o excesso de tempo diante das telas garante foco e bem-estar dos estudantes.

Dessa forma, ao assegurar um ambiente seguro, planejado e acolhedor, o(a) professor(a) cria condições para que os(as) estudantes participem ativamente das oficinas e reflitam, de maneira crítica, sobre as temáticas propostas. Mais do que um espaço de aprendizagem, trata-se de uma oportunidade para fomentar diálogos, estimular a expressão e desenvolver atitudes de respeito e valorização da diversidade. Para isso, sugerimos que as oficinas sejam organizadas em etapas: acolhimento e sensibilização; levantamento de saberes prévios; contextualização conceitual; análise dos quadrinhos; produção criativa; apresentação e socialização; e, por fim, síntese e encerramento. Agora, convidamos você a avançar conosco para a próxima seção, onde apresentaremos as sequências didáticas das oficinas e veremos, na prática, como esses princípios podem ganhar vida em sala de aula.

OFICINA 1: EXPLORANDO O RACISMO POR MEIO DE QUADRINHOS - ANÁLISE DE OS AZUIS DE MAURÍCIO DE SOUSA

Objetivo da ação pedagógica: oportunizar aos participantes experiências educativas significativas por meio da linguagem das histórias em quadrinhos.



Objetivo principal da Oficina: Sensibilizar os(as) estudantes para o enfrentamento do racismo, promovendo a reflexão, a empatia e o respeito às diferenças, por meio da exibição e discussão do vídeo *Os Azuis*, disponível no YouTube.

Objetivos específicos:


- Desenvolver a leitura crítica e a interpretação de narrativas multimodais, articulando elementos visuais, escritos e sonoros presentes na animação;
- Promover o diálogo e a troca de experiências entre os(as) estudantes, relacionando a história apresentada com situações reais de preconceito e discriminação;
- Incentivar a expressão criativa dos(as) estudantes por meio da produção de quadrinhos que valorizem a inclusão e o respeito às diferenças;
- Desenvolver atitudes de respeito, empatia e solidariedade no ambiente escolar e fora dele;
- Refletir sobre a importância de combater o racismo e de reconhecer a diversidade como um valor para a convivência humana.

Para realizar esta oficina, você tem duas opções: utilizar o material já preparado ou acompanhar o passo a passo a seguir.



Figura 8 - Slides da Oficina 1: Explorando o Racismo

OFICINA 1: EXPLORANDO O RACISMO ATRAVÉS DOS QUADRINHOS - ANÁLISE DE "OS AZUIS" DE MAURÍCIO DE SOUSA



Olá, pessoal! **Sejam bem-vindos!** Hoje, vamos aprender juntos sobre **respeito e inclusão** de um jeito muito divertido: assistindo a um **vídeo da Turma da Mônica chamado "Os Azuis"**. Você já percebeu como as pessoas são diferentes umas das outras? Isso é algo muito especial! Depois do vídeo, **vamos conversar** sobre como podemos tratar todo mundo com carinho e justiça, aprendendo a **valorizar** as diferenças e a construir um mundo melhor para todos. **Vamos começar?**

Fonte: Elaboração própria

Para realizar essa oficina você vai precisar de:



Lousa interativa

ou



Projetor multimídia

e

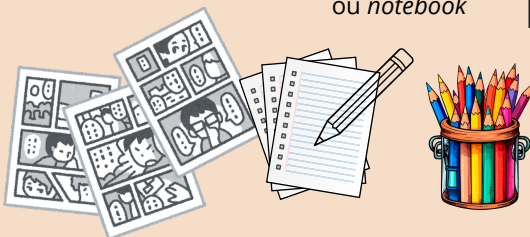


Computador ou notebook

ou ainda



Televisão



HQs e outros materiais

1. Introdução (15 minutos)

Comece acolhendo os(as) estudantes, explique o objetivo da oficina e mostre como os quadrinhos podem nos ajudar a refletir sobre diversidade e inclusão. Uma boa estratégia é apresentar brevemente Maurício de Sousa, destacando que suas histórias fazem parte do cotidiano de muitas gerações e que, além de entreter, também podem ensinar lições valiosas.

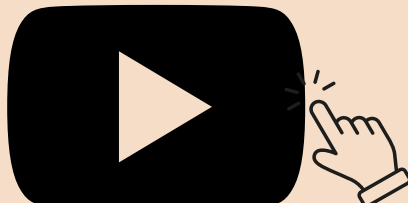


Atividade de Aquecimento: pergunte aos(as) estudantes o que sabem sobre racismo e discriminação. Peça que anotem palavras-chave em seus blocos e compartilhem em voz alta. Monte uma nuvem de palavras no quadro (ou em aplicativos digitais). Depois, apresente a definição de racismo segundo Kabengele Munanga (2014), explicando de maneira acessível que o racismo é uma ideia injusta que separa as pessoas com base em características físicas, como a cor da pele ou o cabelo, e que isso gera desigualdade e preconceito.

2. Exibição do Vídeo (20 minutos)

Explique que assistirão ao episódio *Os Azuis*, uma história criada em 1971 e adaptada para desenho animado em 2002, mas lançada apenas em 2009. Ressalte que ela traz reflexões importantes sobre respeito às diferenças.

Projete o vídeo para a turma, garantindo que todos estejam confortáveis e que o áudio esteja claro. Esse momento deve ser vivido como uma experiência coletiva.



Clique no ícone para ser direcionado ao episódio
Os Azuis disponível no YouTube

3. Discussão sobre Racismo – Roda de Conversa (20 minutos)

Após a exibição do vídeo, incentive os (as) estudantes a falarem sobre o que sentiram e compreenderam da história. Pergunte: Quem eram os personagens principais? O que aconteceu com eles? Houve situações de injustiça?

Promova a reflexão com perguntas que façam a turma se colocar no lugar dos personagens:



- **Como você se sentiria se fosse tratado de forma diferente por causa da sua cor de pele?**
- **Você já presenciou uma situação parecida?**
- **O que podemos aprender com a história dos Azuis sobre respeito e inclusão?**

Relacione as falas dos(as) estudantes com situações reais, sempre valorizando a escuta e o respeito às diferentes opiniões.

4. Atividade Criativa (25 minutos)

Agora é a hora de transformar a reflexão em produção. Proponha que cada estudante imagine uma cena em que os personagens ajudem a Mônica a se sentir bem e incluída.

➡ Criação de Quadrinhos: cada estudante desenha sua própria cena de inclusão e respeito.

➡ Apresentação: depois, peça que compartilhem com a turma suas produções, explicando suas escolhas. Aproveite para destacar as mensagens positivas e a criatividade de cada um.

5. Encerramento (10 minutos)

Finalize retomando os aprendizados da oficina. Convide os(as) estudantes a escreverem no bloco de anotações o que descobriram sobre racismo e inclusão. Dê espaço para quem quiser compartilhar com a turma.

Reforce a mensagem principal: respeitar as diferenças é essencial para construir uma convivência justa e feliz.

Agradecimento: valorize a participação de todos. Como esta oficina faz parte de uma sequência didática em que cada encontro se conecta ao próximo, deixe como desafio que os(as) estudantes pesquisem sobre Martin Luther King Jr. e Rosa Parks, para que possam continuar refletindo sobre figuras importantes da luta contra o racismo no próximo momento da sequência.

OFICINA 2: A LUTA PELA IGUALDADE - MARTIN LUTHER KING JR., ROSA PARKS E O RACISMO NOS QUADRINHOS

Objetivo da ação pedagógica: oportunizar aos participantes experiências educativas significativas por meio da linguagem das histórias em quadrinhos.



Objetivo principal da Oficina: Apresentar e promover reflexões sobre a história e a importância da luta contra o racismo, a partir das trajetórias de Martin Luther King Jr. e Rosa Parks, explorando como os quadrinhos podem se constituir como uma ferramenta potente para refletir, dialogar e enfrentar o preconceito racial no contexto escolar.

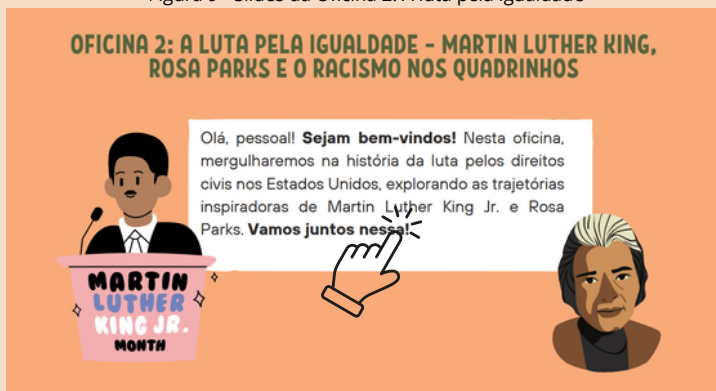
Objetivos específicos:

- Conhecer a trajetória e a contribuição de Martin Luther King Jr. e Rosa Parks na luta pelos direitos civis e contra o racismo.
- Refletir sobre como as atitudes individuais e coletivas podem transformar a sociedade e inspirar mudanças.
- Relacionar episódios históricos de luta contra o racismo com situações vividas no cotidiano escolar e comunitário.
- Estimular a empatia e a valorização da diversidade por meio de rodas de conversa e atividades criativas.
- Incentivar a produção de quadrinhos que expressem atitudes de respeito, solidariedade e combate às injustiças raciais.
- Desenvolver habilidades de leitura crítica, interpretação e expressão artística a partir de narrativas visuais e históricas.

Para realizar esta oficina, você tem duas opções: utilizar o material já preparado ou acompanhar o passo a passo a seguir.



Figura 9 - Slides da Oficina 2: A luta pela Igualdade



Fonte: Elaboração própria

Para realizar essa oficina você vai precisar de:



Lousa interativa

ou



Projektor multimídia

e

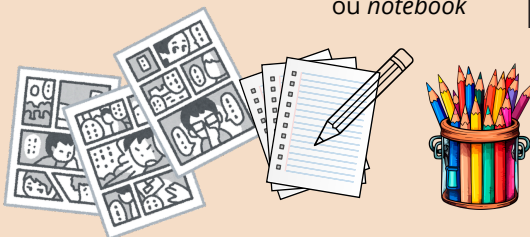


Computador ou notebook

ou ainda



Televisão



HQs e outros materiais

1. Introdução (10 minutos)

Comece dando as boas-vindas aos(as) estudantes e explicando o objetivo da oficina. Diga que, neste encontro, eles(as) vão conhecer a história de duas pessoas muito importantes: Martin Luther King Jr. e Rosa Parks. Explique que ambos lutaram contra o racismo e defenderam a igualdade de direitos para todas as pessoas.

Mostre também que o quadrinho *Os Azuis*, de Maurício de Sousa, trabalhado na oficina anterior, faz referência ao Dia de Martin Luther King, que passou a ser feriado em várias cidades e estados dos Estados Unidos a partir de 1971. Isso ajuda a criar uma ponte entre as oficinas e a reforçar a continuidade da sequência didática.

2. Exibição do Vídeo (20 minutos)

Prepare a turma explicando que assistirão a vídeos curtos sobre Martin Luther King Jr. e Rosa Parks, duas figuras históricas que marcaram a luta contra o racismo. Ressalte que suas histórias mostram coragem, resistência e a importância de tratar todos com respeito.

Sugestões de vídeos disponíveis no YouTube:



Clique nos ícones para ser direcionado aos vídeos do YouTube

Projete os vídeos ou passe na TV, garantindo que todos consigam ouvir e ver com clareza.

3. Discussão sobre Racismo e Igualdade (20 minutos)

Logo após a exibição, proponha uma roda de conversa. Pergunte: Quem são Martin Luther King Jr. e Rosa Parks? O que eles fizeram?

Aprofunde a reflexão com a definição de racismo segundo Munanga (2014), mostrando que o racismo tenta separar as pessoas em grupos com base em características físicas como cor da pele ou tipo de cabelo, atribuindo a isso diferenças injustas de valor.

Perguntas de reflexão:

- Por que Martin Luther King Jr. e Rosa Parks decidiram lutar contra o racismo?
- Como você se sentiria se estivesse na situação de Rosa Parks?
- O que podemos aprender com a coragem deles sobre tratar todas as pessoas com respeito?

4. Discussão sobre Racismo nos Quadrinhos (20 minutos)

Retome a história *Os Azuis* e mostre como ela dialoga com as lutas de Martin Luther King Jr. e Rosa Parks.

Perguntas de reflexão:

- Como a história dos Azuis se conecta às atitudes de Martin Luther King Jr. e Rosa Parks?
- O que os quadrinhos nos ensinam sobre inclusão e respeito às diferenças?

5. Atividade Criativa (25 minutos)

Divida a turma em grupos e peça que criem novos quadrinhos sobre inclusão e respeito às diferenças, inspirados nas histórias de Martin Luther King Jr., Rosa Parks e dos Azuis (Essa atividade pode ser em grupo ou individual).

- Disponibilize papel, lápis de cor e materiais de desenho.
- Incentive-os a criar personagens diversos e situações que expressem empatia e solidariedade.
- Depois, cada grupo apresenta sua produção à turma. Valorize o empenho de todos e destaque as mensagens mais fortes que apareceram nos quadrinhos criados.

6. Conexão com o Presente (10 minutos)

Promova um momento para refletir sobre como aplicar os aprendizados no cotidiano:

- Como podemos combater o racismo na escola e na comunidade?
- Que atitudes simples podemos adotar para valorizar e respeitar as diferenças?

Em seguida, peça que cada estudante escreva em seu caderno ou bloco de notas uma ação de compromisso: algo que eles(as) mesmos(as) podem fazer para promover a igualdade no dia a dia.

7. Encerramento (5 minutos)

Finalize reunindo todos e pedindo que compartilhem o que aprenderam. Reforce a importância de respeitar as diferenças e de combater o racismo em qualquer situação.

Agradeça a participação da turma, destacando como cada contribuição enriqueceu a oficina.

Incentive os(as) estudantes a continuarem refletindo sobre o tema e a praticarem a igualdade no dia a dia, seja em casa, na escola ou em outros espaços de convivência.

Deixe como mensagem final que pequenos gestos de respeito e empatia podem transformar realidades e aproximar as pessoas.

OFICINA 3: DESVENDANDO RACISMO E ESTEREÓTIPOS NO QUADRINHO *CAPITÃO BONITÃO* DE MAURÍCIO DE SOUSA

Objetivo da ação pedagógica: oportunizar aos participantes experiências educativas significativas por meio da linguagem das histórias em quadrinhos.



Objetivo principal da Oficina: Utilizar o quadrinho *Capitão Bonitão*, de Maurício de Sousa, como recurso pedagógico para discutir racismo, estereótipos e preconceitos, promovendo a compreensão de como essas ideias afetam a forma como as pessoas são vistas e tratadas.

Objetivos específicos:

- Reconhecer o que são estereótipos e preconceitos, compreendendo como eles podem influenciar a maneira de pensar e agir em relação às pessoas.
- Identificar situações de racismo e exclusão presentes na história em quadrinhos *Capitão Bonitão*, relacionando-as com situações da vida real.
- Refletir sobre os impactos negativos dos estereótipos e do preconceito na autoestima, nas relações sociais e no respeito à diversidade.
- Valorizar a diversidade de características físicas, culturais e étnicas como parte da riqueza das relações humanas.
- Desenvolver a criatividade por meio da produção de personagens e histórias em quadrinhos que promovam inclusão e respeito às diferenças.

Para realizar esta oficina, você tem duas opções: utilizar o material já preparado ou acompanhar o passo a passo a seguir.



Figura 10 - Slides da Oficina 3: Desvendando Racismo e Estereótipos

OFICINA 3: DESVENDANDO RAÇISMO E ESTEREÓTIPOS NO QUADRINHO "CAPITÃO BONITÃO" DE MAURICIO DE SOUSA

Oi, pessoal! Hoje nós vamos conhecer uma história diferente, divertida, mas que também faz a gente pensar. Já pararam pra perceber como, às vezes, as pessoas julgam umas às outras só pela aparência? Tipo quando dizem que alguém é "bonito demais pra ser bobo" ou "feio demais pra ser importante"? Pois é, isso tem a ver com **estereótipos** – ideias prontas que muitas vezes não são verdadeiras. Nós vamos ler juntos o quadrinho chamado "**Capitão Bonitão**", que brinca justamente com isso! A história mostra como a aparência de uma pessoa pode influenciar o jeito que os outros a tratam – e como isso pode ser bem injusto. **Vamos ver juntos o que acontece com esse tal Capitão Bonitão e conversar sobre o que a gente acha justo ou injusto nisso tudo. Preparados? Vamos nessa!**



Fonte: Elaboração própria

Para realizar essa oficina você vai precisar de:



Lousa interativa

ou



Projektor multimídia

e

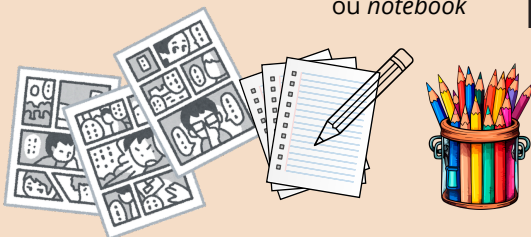


Computador ou notebook

ou ainda



Televisão



HQs e outros materiais

1. Introdução (15 minutos)

Dê as boas-vindas aos(às) estudantes e explique que, nesta oficina, vocês vão refletir sobre estereótipos, preconceitos e sobre como eles afetam a forma como vemos e tratamos as pessoas.

Apresente o quadrinho *Capitão Bonitão*, destacando que a história fala sobre aparência física e como ela pode influenciar o respeito (ou a falta dele) no dia a dia.



Atividade de Aquecimento: pergunte aos(às) estudantes o que eles(as) já ouviram sobre “estereótipos” e “preconceito”. Peça que pesquisem o significado dessas palavras no dicionário (em grupo ou em duplas). Explique de forma simples e clara:

- Estereótipo é quando acreditamos que todas as pessoas de um grupo são iguais, sem considerar suas diferenças.
- Preconceito é quando julgamos alguém de forma negativa antes de conhecer de verdade.

Use exemplos práticos:

- “Achar que todas as pessoas negras são boas em esportes” ou “que todas as pessoas brancas são ricas” → não é verdade, cada pessoa é única.
- “Pensar que todos os indígenas vivem na floresta” → não é verdade, há indígenas em cidades, universidades e usando tecnologia.
- “Acreditar que todas as pessoas asiáticas são boas em matemática” → também não é verdade, cada um tem suas próprias habilidades

Finalize reforçando: **os estereótipos podem ser injustos e prejudiciais, porque apagam a individualidade das pessoas.**

2. Leitura do Quadrinho *Capitão Bonitão* (15 minutos)

Preparação:

- Distribua cópias do quadrinho e, se possível, projete a versão digital para toda a turma acompanhar.
- Peça que observem os personagens e prestem atenção em como eles tratam uns aos outros.

Leitura:

- Faça a leitura junto com a turma, abrindo espaço para comentários espontâneos sobre as cenas e falas dos personagens.
- Esse é o momento de explorar diferentes formas de abordar a informação e desenvolver uma visão crítica sobre as questões étnico-raciais. Além, de ampliar a capacidade de argumentação e reflexão crítica sobre o racismo, estereótipos e discriminação.

3. Discussão sobre Racismo, Estereótipos e Preconceito (20 minutos)

Análise da história:

- Pergunte:
 - Quem é o capitão bonito? O que ele valoriza?
 - Quem é o Cascão? Como os outros personagens o veem?
 - O que acontece quando o capitão bonito revela sua verdadeira identidade?
- Destaque frases do quadrinho, como *“Se não melhorar a aparência, terei de destruí-lo”* e *“embelezar o mundo é a minha missão”*, mostrando como refletem ideias de exclusão e padrões de beleza impostos. Esses comentários revelam um estereótipo negativo, onde a aparência é vista como a principal medida de valor e importância.
- Relacione a cena do **Capitão Bonitão**, que depois revela ser o vilão **Capitão Feio**, e faz comentários como: *“Se você não tivesse me sujado, talvez nunca tivesse voltado ao normal”*, com o racismo. Essa afirmação reforça a ideia de que qualquer coisa que não se encaixe nos padrões de beleza é considerada errada ou precisa ser corrigida. Isso espelha o racismo, em que o que é visto como “normal” ou “aceitável” costuma ser definido pela perspectiva de um grupo dominante, e qualquer desvio dessas normas é tratado como inferior ou indesejável.
- De forma didática, podemos conversar com os(as) estudantes sobre como o Capitão Feio é frequentemente excluído ou rejeitado por causa da sua aparência, o que o faz se sentir marginalizado. Esse exemplo pode abrir a discussão sobre como, no mundo real, muitas pessoas também são discriminadas ou excluídas por características físicas ligadas à sua etnia, como a cor da pele, o tipo de cabelo ou outros traços. Essa reflexão ajuda a compreender como o racismo reforça a exclusão e a desigualdade, mostrando a importância de respeitar e valorizar a diversidade.

Conexão com a Vida Real:

Pergunte se os(as) estudantes já viram alguém ser tratado de forma injusta por causa da aparência, da cor da pele ou do cabelo. Explique que, assim como no quadrinho, na vida real essas atitudes geram dor, exclusão e desigualdade. Reforce que todas as pessoas merecem respeito e valorização por quem são, e não por como se parecem.

Observação para o(a) professor(a):

O quadrinho *Capitão Bonitão* pode ser explorado em mais de uma oficina ou aula, a depender do perfil da turma, do nível de participação e envolvimento dos(as) estudantes, bem como da forma como o processo será conduzido. Trata-se de um material que permite desdobramentos significativos e pode ser trabalhado em até três encontros, dentro de uma sequência didática:

- Primeira etapa – Leitura e interpretação:

Objetivo: desenvolver a leitura crítica e a interpretação tanto do texto visual quanto do texto escrito.

- Segunda etapa – Debate e reflexão:

Objetivo: ampliar a capacidade de argumentação e de reflexão crítica sobre racismo, estereótipos e discriminação.

- Terceira etapa – Produção textual:

Objetivo: estimular a escrita autoral dos(as) estudantes a partir da interpretação crítica da HQ.

Vale destacar que essa lógica pode ser aplicada também a outros quadrinhos, sempre em uma perspectiva interdisciplinar, relacionando a Língua Portuguesa aos conhecimentos de História, favorecendo um aprendizado mais amplo e contextualizado.

4. Atividade Criativa: Criação de Personagens (30 minutos)

Objetivo da atividade: estimular os(as) estudantes a desafiar estereótipos, valorizar a diversidade e promover a inclusão por meio da criação de personagens e histórias em quadrinhos.

Como conduzir:

- Explique para a turma que eles terão a chance de soltar a imaginação criando seus próprios personagens.
- Reforce que esses personagens devem refletir a diversidade que existe no mundo, mostrando diferentes características físicas, culturais e de personalidade.
- Destaque que a ideia é quebrar estereótipos e mostrar que todos podem ser protagonistas de uma boa história.

Mãos à obra! (Atividade manual)

- Distribua papéis, lápis, canetinhas e outros materiais de desenho.
- Peça que cada estudante crie um personagem com nome, características físicas (cor da pele, tipo de cabelo, altura, etc.) e traços de personalidade (alegre, corajoso, tímido, criativo, etc.).
- Estimule que os personagens representem diferentes realidades, valorizando aquilo que nos torna únicos.

Alternativa Digital (opcional)

Se a escola dispuser de laboratório de informática ou *tablets* com acesso a internet, é possível oferecer aos(as) estudantes a oportunidade de criar personagens e montar quadrinhos curtos utilizando ferramentas digitais. Plataformas como Pixton, Canva ou até recursos de ChatGPT podem ser exploradas, desde que tanto os(as) estudantes quanto o(a) professor(a) conheçam bem suas funcionalidades. Como ressalta Ana Elisa Ribeiro (2018), é fundamental que ambos sejam usuários ativos dessas tecnologias, para que a experiência seja significativa e eficiente. Essa alternativa digital torna a atividade ainda mais envolvente, especialmente para estudantes que apreciam recursos tecnológicos.

Construção das Histórias

- Depois de criarem os personagens, oriente os(as) estudantes a elaborar pequenas histórias em formato de quadrinhos.
- Eles(as) podem desenhar em folhas organizadas em quadrinhos ou, se possível, utilizar ferramentas digitais simples.
- Reforce a importância de incluir:
 - Diálogos entre os personagens;
 - Expressões faciais que transmitam emoções;
 - Cenários que ajudem a dar vida às situações criadas.
- O tema central das histórias deve ser: diversidade, inclusão e combate à exclusão.

5. Conclusão e Reflexão Final (10 minutos)

Discussão:

- Peça que cada estudante ou grupo apresente seu personagem ou quadrinho.
- Pergunte:
 - O que aprenderam com essa atividade?
 - Como podemos aplicar essa lição na escola e na comunidade?

Agradecimento:

- Agradeça a participação de todos e valorize a criatividade da turma.
- Enfatize: cada gesto de respeito ajuda a tornar o mundo mais justo e acolhedor.

OFICINA 4: DESVENDANDO ESTEREÓTIPOS A PARTIR DE *MENU CABELAL* DE MAURÍCIO DE SOUSA

Objetivo da ação pedagógica: oportunizar aos participantes experiências educativas significativas por meio da linguagem das histórias em quadrinhos.



Objetivo principal da Oficina: Problematicar o racismo e a discriminação, estimulando o reconhecimento da diversidade e o respeito às diferenças, junto aos estudantes, por meio do quadrinho *Menu Cabelal*, de Maurício de Sousa, com destaque para os estereótipos dirigidos aos diferentes tipos de cabelo.

Objetivos específicos:

- Compreender o conceito de estereótipos e preconceitos relacionados a características físicas, especialmente aos diferentes tipos de cabelo.
- Desenvolver a leitura crítica do quadrinho *Menu Cabelal*, identificando situações de discriminação e exclusão presentes na narrativa.
- Estimular a empatia, valorizando a diversidade de cabelos, cores e estilos como parte da identidade de cada pessoa.
- Promover o respeito às diferenças e incentivar práticas de inclusão no ambiente escolar e na vida social das crianças.
- Incentivar a expressão criativa por meio de atividades artísticas (desenho, escrita ou dramatização) que reforcem a valorização da diversidade.

Para realizar esta oficina, você tem duas opções: utilizar o material já preparado ou acompanhar o passo a passo a seguir.



Figura 11 - Slides da Oficina 4: Desvendando Estereótipos

OFICINA 4: DESVENDANDO ESTEREÓTIPOS ATRAVÉS DO QUADRINHO “MENU CABELAL” DE MAURICIO DE SOUSA

Sejam muito bem-vindas e bem-vindos!
Que bom ter vocês aqui de novo! No nosso último encontro, falamos sobre **estereótipos** – aquelas ideias que surgem como generalizações sobre o comportamento, a aparência ou outras características de membros de um determinado grupo.
Hoje, vamos continuar nossa conversa, focando em algo muito especial: **o cabelo!** Vamos pensar juntos: como isso aparece nas histórias em quadrinhos (HQs)?
Vamos observar, conversar e criar juntos personagens mais diversos e representativos. Vamos nessa?

Fonte: Elaboração própria

Para realizar essa oficina você vai precisar de:



Lousa interativa

ou



Projektor multimídia

e



Computador
ou notebook

ou ainda



Televisão



HQs e outros materiais

1. Introdução (15 minutos)

Dê as boas-vindas aos estudantes de forma calorosa, criando um clima de acolhimento.

Explique que a oficina tem como objetivo refletir sobre a diversidade e o respeito às diferenças, a partir de algo muito próximo deles(as): os diferentes tipos de cabelo.



Atividade de Aquecimento:

- Pergunte: “Quais tipos de cabelo vocês conhecem?” (liso, ondulado, cacheado, crespo...).
- Incentive que compartilhem experiências: “Você já recebeu algum comentário sobre o seu cabelo? Como se sentiu?”
- Mostre cartazes ou imagens com pessoas de diferentes tipos de cabelo. Reforce: cada cabelo é único, bonito e importante.

2. Leitura do Quadrinho Menu Cabelal (20 minutos)

Preparação:

- Apresente o quadrinho *Menu Cabelal*, de Maurício de Sousa, e diga que ele nos ajuda a pensar sobre como os cabelos podem ser vistos e tratados.
- Explique que, durante a leitura, é importante observar como os personagens reagem aos diferentes tipos de cabelo.

Leitura em Conjunto:

- Leia em voz alta o quadrinho com a turma.
- Pause em momentos-chave para conversar: “O que vocês acharam dessa comparação que Magali fez? Isso foi respeitoso ou não?”
- Incentive as crianças a comentar as cenas, reconhecendo situações de estereótipos e preconceitos.

3. Explorando a Representação dos Tipos de Cabelo (20 minutos)

Discussão sobre a história:

- Pergunte: “Por que será que a história tem o título *Menu Cabelo*? O que isso significa?”
- Dialogue:
 - Como Magali reagiu aos diferentes tipos de cabelo?
 - Como Jeremias se sentiria ao ver seu cabelo comparado a um alimento excluído?
 - Como Cascão se sentiria ao ver seu cabelo comparado à palha de aço?
 - O que isso nos ensina sobre autoestima e respeito?

Conexão com a Vida Real:

- Pergunte: “Vocês já viram alguém ser tratado de forma injusta por causa do cabelo?”
- Explore: “Por que alguns tipos de cabelo, como o crespo, ainda sofrem preconceito? O que podemos fazer para mudar isso?”
- Traga exemplos positivos de pessoas conhecidas com diferentes tipos de cabelo que inspiram orgulho e representatividade.

4. Atividade Criativa (25 minutos)

Criação de Personagens:

- Explique que, cada um vai inventar um personagem com um cabelo único e criativo.
- Forneça papel, lápis de cor e canetinhas.

Passo a passo da criação:

- Nome: Escolha um nome divertido e criativo para o personagem.
- Estilo de cabelo: Decida como será o cabelo do personagem — pode ser crespo, cacheado, liso, ondulado, colorido, comprido, curtinho, com tranças... o importante é mostrar orgulho e beleza.
- Frase especial: Escreva uma frase que mostre como o personagem valoriza quem é.

5. Conclusão e Reflexão Final (10 minutos)

Discussão Final:

- Reúna a turma e peça que compartilhem o que mais aprenderam.
- Reforce a ideia: “Todos os cabelos são lindos e fazem parte da nossa identidade. Respeitar e valorizar essas diferenças é fundamental para combater o racismo.”

Compromisso com a Inclusão:

- Proponha que cada estudante escreva em seu caderno uma ação simples para valorizar e respeitar os colegas no dia a dia.

Encerramento:

- Agradeça a participação e entusiasmo da turma.
- Reforce que esse aprendizado deve ser levado para a vida toda.



Fica a dica

Outras formas de explorar o quadrinho *Menu Cabelal*

O quadrinho *Menu Cabelal*, de Maurício de Sousa, constitui um excelente recurso pedagógico para promover reflexões sobre as relações étnico-raciais, especialmente no que se refere aos estereótipos e preconceitos associados aos diferentes tipos de cabelo. De forma leve, divertida e provocadora, a HQ convida os(as) estudantes a refletirem sobre identidade, diversidade e respeito.

Esse material pode ser explorado em mais de uma oficina ou aula, a depender do perfil da turma, do nível de participação dos(as) estudantes e da condução do(a) professor(a). Trata-se de uma proposta com múltiplos desdobramentos, que pode integrar uma sequência didática voltada à leitura crítica de textos multimodais.

Cabe destacar que alguns dos conceitos mobilizados nesta dica integram a Trilha Formativa do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA RJ), voltada a professores do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A formação, oferecida pela Fundação Getúlio Vargas, contou com a adesão de municípios do Estado do Rio de Janeiro e teve como objetivo apoiar a recomposição da aprendizagem, possibilitando que docentes da rede estadual e municipal tivessem contato com essas discussões.

Ao trabalhar com o quadrinho, o(a) professor(a) pode propor atividades de leitura, análise e produção, estimulando um olhar atento para os elementos visuais e verbais que constroem sentido. Para orientar esse trabalho, mobilizam-se os conceitos de contexto, texto, infratexto e intertexto, que podem funcionar como fio condutor para o planejamento das aulas.

No quadrinho selecionado, o humor e o comportamento característico da personagem Magali — especialmente sua relação com a comida — produzem uma situação que permite refletir sobre a forma como as pessoas olham para o outro. A escolha do cenário, uma rua movimentada e marcada pela diversidade, também contribui para essa leitura, ao simbolizar o espaço público onde convivem sujeitos com diferentes aparências, culturas e histórias.

Essa abordagem pode dar origem a uma sequência didática em que o(a) professor(a) explore cada uma das dimensões textuais em momentos distintos, conduzindo os(as) estudantes da leitura literal à leitura crítica do quadrinho.

1º Momento – Dimensão Contexto (situação)

Refere-se às condições de produção do texto: quem o criou, quando, para quem e em que cenário social.

O professor pode iniciar o trabalho apresentando o autor Maurício de Sousa, situando a HQ *Menu Cabelal* dentro da série da Turma da Mônica, conhecida por tratar temas do cotidiano com leveza e humor.

Explique que o quadrinho se passa em uma rua cheia de pessoas diferentes, e que Magali, ao observar os cabelos de cada uma, faz associações com comidas — uma forma divertida, mas também provocadora, de refletir sobre como enxergamos o outro.

Pergunte à turma:

- “Por que será que o autor escolheu mostrar a Magali andando na rua?”
- “O que ela pensa ao ver cada cabelo? Essas comparações são respeitosas?”
- “Na vida real, será que também fazemos julgamentos assim, sem perceber?”

Conduza a conversa para que as crianças entendam que características físicas, como o cabelo, não devem ser motivo de comparação ou brincadeira, e que comentários aparentemente inofensivos podem reproduzir preconceitos.

Objetivo didático: compreender que os quadrinhos refletem e criticam comportamentos sociais, mesmo por meio do humor.

2º Momento – Dimensão Texto (estrutura)

Diz respeito ao que se vê e se lê no quadrinho: palavras, imagens, cores, expressões e gestos que constroem sentido.

Proponha uma leitura atenta dos quadros:

1. Observe as expressões da Magali, os tipos de cabelo dos personagens e os balões de pensamento.
2. Analise como o texto verbal (“Esse cabelo me lembra uma macarronada...”) e o visual (as ilustrações) se complementam para criar humor e significado.

Pergunte:

- “Como as imagens ajudam a entender o que Magali está pensando?”
- “Qual é a função dos balões de pensamento?”
- “O cenário da rua ajuda a contar essa história?”

Objetivo didático: desenvolver a habilidade de ler os elementos verbais e visuais dos quadrinhos de forma integrada, reconhecendo que ambos constroem sentido.

3º Momento – Dimensão Infratexto (implícito)

Corresponde ao que não está dito diretamente, mas pode ser inferido a partir da leitura e da observação atenta da relação entre texto e imagem.

Aqui, o(a) professor(a) ajuda os(as) estudantes a perceberem os sentidos implícitos:

Magali não faz comentários por maldade, mas o quadrinho mostra como comparações baseadas na aparência podem ter um fundo preconceituoso.

A HQ, portanto, brinca com o comportamento da personagem, mas também convida o leitor a refletir sobre atitudes que podem magoar outras pessoas.

Na atividade com as crianças, pergunte:

- “Será que a comparação que Magali fez reforça alguma ideia de que cabelos crespos são diferentes, sem graça ou feios?”
- “Considerando que Magali come tudo, mas evita a salada de chuchu, o que isso nos diz sobre a comparação que ela fez com o Jeremias?”
- “O que essa história em quadrinhos nos ensina sobre a forma como olhamos e falamos sobre a aparência dos outros?”
- “Ao ver o Cascão e falar ‘palha de aço’, a Magali repete o mesmo erro. O que essa cena nos ensina sobre o preconceito e a falta de empatia?”
- “Por que comparar cabelos, que são parte da identidade de uma pessoa, com objetos ou comidas pode ser problemático, mesmo que a intenção seja só humorística?”
- Mostre que, por trás da piada, há um estereótipo sobre cabelos crespos, muitas vezes vistos de forma negativa.
- Reflita com os(as) estudantes: “Como vocês se sentiriam se alguém comparasse o cabelo de vocês a algo que não valorizasse sua beleza?”

Objetivo didático: Levar o aluno a perceber os sentidos ocultos e as intenções críticas do texto, analisando a relação entre as ações da personagem e a mensagem implícita, desenvolvendo, assim, uma leitura mais profunda e crítica da linguagem verbal e não verbal.

4º Momento – Dimensão Intertexto (relação)

Refere-se à relação do quadrinho com outros textos, contextos ou experiências.

O professor deve iniciar o debate reconhecendo o ponto mais problemático da HQ:

- A negatividade implícita na comparação: ao associar cabelos crespos a alimentos ou objetos (como o chuchu e a palha de aço), o quadrinho, mesmo que de forma não intencional, toca em um ponto

sensível: a desvalorização histórica dos cabelos crespos e cacheados na sociedade. Essas comparações transformam a textura natural do cabelo em algo estranho, bruto ou desagradável (como o chuchu rejeitado), em vez de celebrá-la.

- A necessidade de mudança: a proposta é usar essa HQ como um ponto de partida para desconstruir essas associações negativas. O objetivo não é condenar o autor, mas promover a reflexão do leitor sobre o impacto que esse tipo de comparação tem na autoestima e na identidade, especialmente de crianças negras e com cabelos crespos.

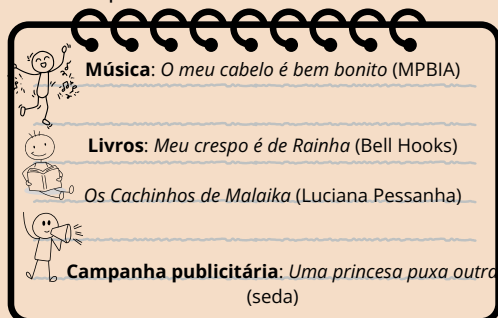
Na atividade com os(as) estudantes, o debate deve se aprofundar na comparação dos cabelos crespos com o chuchu e a palha de aço:

- Pergunte: “Vocês já ouviram alguém fazer piadas parecidas na escola, em casa ou na televisão?”
- “Por que a Magali não rejeita outras comidas que ela imaginou, mas rejeita a salada de chuchu, que remete ao Jeremias? Que mensagem implícita isso transmite sobre a beleza do cabelo dele?”
- “A comparação do cabelo do Cascão à ‘palha de aço’ é um clichê de humor antigo. Como podemos transformar essa visão, vendo o cabelo dele como algo forte, texturizado e cheio de personalidade, em vez de um objeto de limpeza?”
- Relacione o quadrinho a músicas, propagandas ou campanhas que valorizam a diversidade (como campanhas de orgulho do cabelo crespo).
- Compare também com outros quadrinhos ou livros que valorizam a diversidade e a representatividade.

Objetivo didático: Mostrar que a leitura vai além do quadrinho, ampliando a compreensão para outros contextos culturais, sociais e históricos.

Sugestões para transformar a negatividade em celebração

O professor pode convidar os(as) estudantes a buscarem ativamente intertextos positivos que confrontem essa visão.



Música: *O meu cabelo é bem bonito* (MPBIA)

Livros: *Meu crespo é de Rainha* (Bell Hooks)

Os Cachinhos de Malaika (Luciana Pessanha)

Campanha publicitária: *Uma princesa puxa outra* (seda)

Atividades de Produção (A Mudança de Rota)

As atividades devem focar em substituir a comparação negativa por elogios e celebração, tipo:

- 1.Reconstruir o final da HQ, garantindo que o cabelo do Jeremias seja elogiado e que a comparação do Cascão seja positiva ou evitada.
- 2.Manifesto Visual: Fazer um cartaz coletivo com o tema “Meu cabelo, meu superpoder!”, substituindo as associações negativas por termos de força, volume, história e identidade.

Objetivo didático: Utilizar a mensagem implícita na HQ para desconstruir estereótipos negativos sobre a diversidade capilar, desenvolvendo a empatia e o respeito à identidade pessoal do outro, e capacitando o aluno a buscar e criar representações positivas na sua leitura de mundo



O meu cabelo é bem bonito (MPBIA)



Uma princesa puxa outra (seda)



Figura 13 - Capa dos livros *Meu crespo é de rainha* e *Os cachinhos de Malaika*



Fonte:
[www.estantevirtual.com.br/
busca/meu-crespo-e-de-
rainha](http://www.estantevirtual.com.br/busca/meu-crespo-e-de-rainha)
[https://asesdaliteratura.co
m/nosso-catalogo/os-
cachinhos-de-malaika/](https://asesdaliteratura.com/nosso-catalogo/os-cachinhos-de-malaika/)

OFICINA 5: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS POR MEIO DE QUADRINHOS

Objetivo da ação pedagógica: oportunizar aos participantes experiências educativas significativas por meio da linguagem das histórias em quadrinhos.



Objetivo principal da Oficina: Promover a desconstrução de estereótipos e preconceitos sobre os povos indígenas brasileiros a partir da leitura e análise crítica de quadrinhos, como *Xondaro* e da *Cartilha sobre os Direitos das Pessoas Indígenas em Conflito com a Lei*.

Objetivos específicos:

- Analisar criticamente as representações dos povos indígenas presentes nos quadrinhos, identificando estereótipos e formas de preconceito.
- Refletir sobre a diversidade cultural indígena, reconhecendo as diferentes etnias, línguas, tradições e modos de vida existentes no Brasil.
- Comparar representações antigas e atuais dos indígenas em diferentes meios (livros, mídias, histórias em quadrinhos, campanhas e filmes), discutindo como essas imagens influenciam o olhar social.
- Fomentar o diálogo e a escuta, criando um espaço de partilha onde os estudantes possam expressar suas ideias, sentimentos e aprendizagens sobre o tema.

Para realizar esta oficina, você tem duas opções: utilizar o material já preparado ou acompanhar o passo a passo a seguir.



Figura 12 - Slides da Oficina 5: Desconstruindo Estereótipos

OFICINA 5: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS ATRAVÉS DOS QUADRINHOS

Olá, pessoal! Sejam bem-vindos!

Hoje vamos aprender mais sobre como os povos indígenas, suas culturas, histórias e sabedorias são vistos em nosso país – e como os estereótipos podem influenciar essa visão de forma errada ou incompleta.



Fonte: Elaboração própria

Para realizar essa oficina você vai precisar de:



Lousa interativa

ou



Projektor multimídia

e

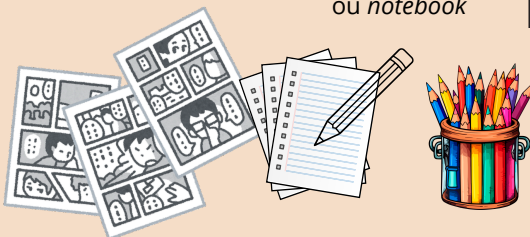


Computador
ou notebook

ou ainda



Televisão



HQs e outros materiais

1. Introdução (10 minutos)

Comece acolhendo a turma e explicando, de forma simples e entusiasmada, que a oficina será um momento para conhecer mais sobre os povos indígenas do Brasil — suas culturas, saberes, direitos e histórias.

Conte que o objetivo é refletir sobre o que é verdade e o que é estereótipo nas imagens e histórias que costumamos ver sobre os indígenas.

Converse com os(as) estudantes:

- O que vocês já sabem sobre os povos indígenas?
- Onde costumam ver imagens ou histórias sobre eles?
- Como os indígenas são mostrados nesses lugares?

Anote as respostas no quadro ou em um cartaz. Esse registro será importante para retomar as ideias ao final da oficina e perceber como o pensamento da turma evoluiu.



Atividade de Aquecimento:

Explique, de maneira simples, que estereótipos são ideias repetidas que colocam todos de um mesmo grupo como se fossem iguais, esquecendo que há muitas diferenças e individualidades.

Provoque a reflexão:

- Que estereótipos vocês já ouviram sobre os povos indígenas?
- Vocês já leram ou viram algum quadrinho com personagens indígenas? Como eles foram representados?

Mostre imagens de quadrinhos brasileiros que trazem personagens indígenas e peça que observem:

- Como esses personagens são mostrados?
- O que muda de um quadrinho para outro?
- Algum desses quadrinhos foi feito por um autor indígena?

Aproveite o momento para valorizar o protagonismo indígena, explicando que há escritores, artistas, professores, cineastas e quadrinistas indígenas que produzem obras potentes e atuais.

Destaque: os povos indígenas estão presentes em todos os espaços da sociedade — nas aldeias, nas cidades, nas escolas e universidades.

2. Apresentação e leitura dos quadrinhos (aproximadamente 30 minutos)

a) Apresentação do material

Mostre o quadrinho *Xondaro*, de Vitor Flynn Paciornik, e conte que ele foi inspirado na história real de um jovem guarani chamado Werá Jeguaka Mirim, da aldeia Tenondé Porã, em São Paulo.

Explique brevemente que, durante a Copa de 2014, Werá levantou uma faixa pedindo demarcação das terras indígenas, chamando a atenção do Brasil e do mundo.

Diga que o quadrinho também retrata as manifestações indígenas que ocorreram em 2013 e 2014.

Em seguida, apresente a *Cartilha sobre os Direitos das Pessoas Indígenas em Conflito com a Lei*, explicando que ela ajuda a entender como o Estado deve agir quando um indígena se envolve em situações jurídicas, sempre respeitando suas especificidades culturais.

Figura 14 - Capa dos materiais utilizados



Fonte: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/xondaro>
<https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/07/cartilha-povos-conflito-lei.pdf>

Comente com a turma:

Esses materiais não foram escritos por autores indígenas, mas podem nos ajudar a refletir sobre como os povos indígenas são retratados — e a pensar como podemos representá-los com mais respeito e verdade.

Dica ao professor:

Se possível, projete as páginas das HQs ou distribua cópias para leitura compartilhada. Estimule o olhar atento às imagens, falas e atitudes dos personagens.

b) Leitura compartilhada e diálogo

Realize a leitura em voz alta, alternando entre você e as crianças.

Durante a leitura, interrompa em momentos-chave para fazer perguntas e promover uma escuta ativa:

- “Como vocês descreveriam o personagem principal?”
- “O que ele sente ou defende?”
- “Essa história mostra os indígenas como pessoas reais, com sentimentos e lutas?”

Depois da leitura, incentive um momento de roda de conversa.

Peça que compartilhem:

- O que mais chamou atenção na história;
- Como os indígenas foram representados;
- Se perceberam alguma diferença entre a imagem mostrada nas HQs e o que costumam ver em outras mídias.

Finalize destacando que os quadrinhos podem ser uma forma poderosa de lutar contra o preconceito, especialmente quando trazem representações respeitosas e autênticas.

3. Atividade de Criação (aproximadamente 30 minutos)

a) Criando personagens indígenas

De forma individual ou em grupos proponha:

“Vamos criar nossos próprios personagens indígenas, mostrando o que aprendemos sobre diversidade e respeito!”

Os(as) estudantes podem:

- Desenhar o personagem e escrever uma breve história;
- Criar uma tirinha curta;
- Ou, se houver acesso à tecnologia, é possível utilizar o Pixton ou outro aplicativo de criação de HQs. Vale lembrar que, nesse caso, tanto o professor quanto os(as) estudantes precisam ser usuários dessas ferramentas, conhecendo suas funcionalidades e planejando

bem as etapas da atividade.

Dica ao professor:

Etapas sugeridas:

1. Planejamento da história:
 - Escolher um tema (respeito às diferenças, valorização da cultura indígena, quebra de estereótipos etc.);
 - Definir personagens e cenário;
 - Escrever o roteiro curto do quadrinho.
2. Criação dos quadrinhos (alternativas analógicas e digitais):
 - Analógica: papel A4, lápis, canetas coloridas, recortes e colagens.
 - Digital: incentive o uso de plataformas criativas e intuitivas como:
 - Pixton – para montar personagens, falas e cenários de HQs;
 - Canva – para criar páginas de quadrinhos personalizadas com balões de fala e imagens;
 - ChatGPT – para criar a narrativa visual a partir de roteiros, descrição de personagens e diálogos coerentes com o tema.
3. Apresentação e socialização:
 - Cada grupo ou estudante apresenta seu quadrinho e explica o sentido da história, destacando as mensagens sobre respeito e diversidade.
 - O professor pode propor uma exposição virtual ou mural na escola, valorizando o protagonismo dos(as) estudantes e ampliando o diálogo sobre as relações étnico-raciais.

4. Reflexão e encerramento (aproximadamente 15 minutos)

a) Roda de conversa final

Reúna a turma para uma conversa aberta:

- “O que vocês aprenderam sobre os povos indígenas?”
- “O que mais chamou atenção nas histórias?”
- “Como podemos agir, no dia a dia, para respeitar e valorizar as diferenças?”

Registre no quadro algumas frases que resumam o aprendizado coletivo — isso ajuda a dar visibilidade ao pensamento das crianças e mostrar como a turma evoluiu.

b) Ligando o aprendizado à vida

Convide os(as) estudantes a pensar em atitudes concretas que possam praticar:

- Evitar piadas ou comentários que reforcem preconceitos;
- Valorizar o que aprendem sobre as culturas indígenas;
- Compartilhar o que descobriram com amigos e familiares.

Explique que cada pequena ação conta — o respeito, a escuta e o reconhecimento das diferenças tornam a escola e o mundo lugares mais acolhedores.

c) Encerramento

Finalize agradecendo o envolvimento de todos.

Valorize o empenho, a sensibilidade e a criatividade demonstrados ao longo da oficina.

Deixe uma mensagem inspiradora:

“Conhecer as culturas indígenas é também conhecer o Brasil em sua essência. Quando aprendemos a olhar para o outro com respeito, todos ganhamos.”

Importante lembrar

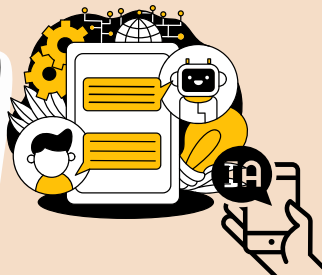
As ideias e sugestões apresentadas neste guia servem como roteiros de apoio para o planejamento e desenvolvimento da oficina. No entanto, é fundamental que o(a) professor(a) explore o material de forma autônoma e criativa, adaptando as propostas à realidade de sua turma, ao tempo disponível e aos objetivos de aprendizagem.

As HQs selecionadas — como *Xondaro* e a *Cartilha sobre os Direitos das Pessoas Indígenas em Conflito com a Lei* — oferecem diversas possibilidades de leitura, análise e produção. Por isso, o(a) professor(a) pode (e deve) ir além das atividades sugeridas, ampliando o uso dos quadrinhos e promovendo discussões significativas sobre a temática indígena, os estereótipos e o respeito à diversidade cultural, conforme orientado na seção “Orientações Gerais”.

Mais do que seguir um passo a passo, a proposta é que cada educador transforme essas ideias em experiências vivas e dialogadas, em que os (as) estudantes sejam protagonistas do aprendizado e desenvolvam uma visão crítica e respeitosa sobre os povos indígenas brasileiros.

OFICINA 6 - MINHA VOZ EM QUADRINHOS: DO PAPEL À TELA COM O CHATGPT

Objetivo da ação pedagógica: oportunizar aos participantes experiências educativas significativas por meio da linguagem das histórias em quadrinhos.



Objetivo principal da Oficina: Promover a revisão e a recriação das histórias em quadrinhos produzidas pelos(as) estudantes, incentivando o uso criativo e consciente da tecnologia — como o ChatGPT — para aprimorar suas narrativas e mensagens.

Objetivos específicos:

- Relembrar conceitos fundamentais trabalhados nas oficinas anteriores, como racismo, estereótipos e respeito às diferenças, promovendo um ponto de partida reflexivo para a criação artística.
- Revisar e aprimorar as histórias em quadrinhos, estimulando os(as) estudantes a refletirem sobre os valores e mensagens transmitidas em suas narrativas.
- Utilizar ferramentas digitais, como o ChatGPT, Pixton, Canva ou outras plataformas, para transformar as HQs manuais em versões digitais, mais organizadas e expressivas.
- Explorar o uso criativo e responsável da tecnologia, compreendendo que os recursos digitais podem potencializar o processo de aprendizagem e comunicação.
- Estimular o diálogo e a troca de experiências entre os(as) estudantes, favorecendo o respeito, a escuta e a colaboração durante as produções e apresentações.


Para realizar esta oficina, você tem duas opções: utilizar o material já preparado ou acompanhar o passo a passo a seguir.



Figura 14 - Slides da Oficina 6: Minha voz em Quadrinhos: do papel à tela

OFICINA EXTRA
MINHA VOZ EM QUADRINHOS: DO PAPEL À TELA COM O CHATGPT

Olá, pessoal! Sejam bem-vindos!
Hoje o objetivo da nossa oficina é pegar as histórias em quadrinhos que vocês desenharam à mão e deixá-las mais organizadas e com carinho de profissional!



Com a ajuda do ChatGPT, vamos transformar as ideias de vocês em histórias escritas, claras, e com mensagens poderosas!

Fonte: Elaboração própria

Para realizar essa oficina você vai precisar de:



Lousa interativa

ou



Projetor multimídia

e

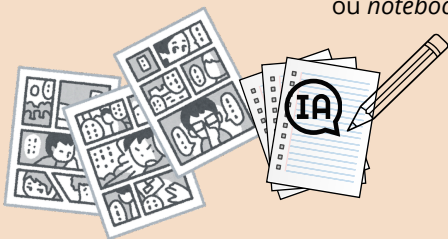


Computador
ou notebook

ou ainda



Televisão



HQs e outros materiais

1. Introdução: relembrando o que aprendemos (10 min)

Inicie retomando com a turma as discussões das oficinas anteriores. Você pode projetar ou escrever no quadro algumas perguntas para reativar os conhecimentos prévios:

- O que é racismo?
- O que são estereótipos?
- Por que é importante respeitar as diferenças?

Em seguida, convide os(as) estudantes a refletirem sobre como suas HQs trataram esses temas e o que cada um tentou expressar por meio de sua história.

Dica: Anote palavras-chave das respostas em um cartaz ou quadro para usar mais tarde durante a revisão das HQs.

2. Revisando nossas HQs (15 min)

Peça que os(as) estudantes observem as HQs que criaram à mão e reflitam sobre possíveis melhorias na mensagem e nos diálogos. Para orientar essa reflexão, você pode projetar ou escrever no quadro as seguintes perguntas:

- Qual é a mensagem principal da sua história?
- Seus personagens ajudam a quebrar estereótipos ou reforçam ideias erradas?
- Como termina sua história? Há mudança, justiça ou acolhimento?

Estimule-os a pensar sobre o que poderiam acrescentar ou modificar para deixar a mensagem mais clara, crítica e respeitosa.

Sugestão:

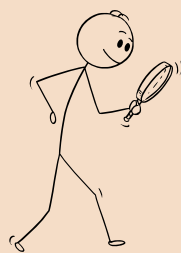
1. Organize os(as) estudantes em duplas: Eles(as) devem trocar suas HQs e usar um lápis para circular as falas e os desenhos que poderiam ser mais claros, mais críticos ou mais respeitosos.
2. O "Teste do Estereótipo": Oriente a dupla a aplicar as perguntas-chave na HQ do colega:
 - "Essa fala pode ser interpretada como preconceituosa, mesmo que não seja a intenção?"
 - "O final da história realmente mostra mudança e acolhimento?"
3. Sugestão - rascunho: o(a) estudante revisor(a) deve registrar, em uma folha de rascunho, sugestões de novos balões de fala ou de um final alternativo que fortaleça a mensagem ética da história.

3. Da folha ao digital (20 min)

Agora é hora de dar vida nova às HQs!

Com acesso ao computador ou *notebook*, os(as) estudantes podem usar ferramentas digitais para transformar seus roteiros e desenhos em versões mais organizadas e com aparência profissional.

No caso dessa oficina, sugerimos o uso do ChatGPT: para criar as imagens a partir da descrição do cenário, dos personagens e dos diálogos. A ideia é que o(a) estudante após revisar suas histórias crie uma versão digital da sua história por meio de prompts que descrevam o ambiente, os personagens e os balões de fala. Como no exemplo a seguir:



Crie uma imagem de HQ, estilo *Turma da Mônica*, com três quadros e três personagens no salão de beleza. No primeiro quadro, ele está cortando o cabelo de uma menina com os cabelos lisinhos e a elogia, dizendo: "Que cabelo lisinho." No segundo, ele está cortando o cabelo de um menino que tem um cabelo liso e também faz um elogio: "Ah, se todo mundo tivesse um cabelo assim..." No último quadro, ele está cortando o cabelo crespo de um menino negro, que pensa: "Duro é ter que lidar com tanta ignorância."

Dica: O (a) professor(a) podem também utilizar com os(as) estudantes o Pixton ou Canva: para montar quadrinhos digitais, escolhendo cenários, expressões e balões de fala.

Importante lembrar: Tanto o(a) professor(a) quanto os(as) estudantes precisam conhecer as funcionalidades dessas ferramentas e planejar bem o uso da tecnologia para que ela seja parte do aprendizado, e não apenas um recurso estético.

Alternativas para quem não quer fazer o uso da Tecnologia

1. O(a) estudante pega sua HQ de volta e, com base nas sugestões do colega e na reflexão em grupo, reescreve os balões de fala problemáticos ou confusos. Se não houver espaço, ele pode usar tirinhas de papel para colar por cima dos balões antigos (a famosa "edição de mão").
2. Incentive os(as) estudantes a:
 - Reforçar as Expressões: Usar lápis de cor ou canetinha para destacar a expressão facial dos personagens nos momentos de

justiça, raiva ou acolhimento, dando mais força à emoção.

- Destaque da Mensagem: Usar canetas coloridas ou marca-textos para sublinhar ou reescrever a última fala ou o pensamento final da HQ, garantindo que a mensagem ética seja o ponto mais forte.

Dica Importante: Enfatize que o objetivo é a clareza da mensagem, não a perfeição do desenho.

4 – Compartilhando e refletindo (15 min)

Organize uma roda de conversa para que os(as) estudantes apresentem suas HQs recriadas.

Estimule a turma a observar como as novas versões ampliaram as mensagens de respeito, justiça e empatia.

Algumas perguntas para guiar o diálogo:

- O que você decidiu modificar na sua HQ e por quê?
- Como a revisão do colega e a reescrita melhoraram a mensagem da sua história?
- Sua HQ agora mostra mudança, acolhimento ou aprendizado de forma mais clara?
- O que você aprendeu ao refazer sua HQ?
- Como a tecnologia ajudou a melhorar sua história?

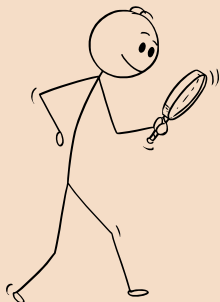
Encerre valorizando o processo criativo e o olhar crítico desenvolvido pelos(as) estudantes.

5. Encerramento (10 min)

Finalize a oficina agradecendo o empenho e a participação de todos.

Reforce a importância de usar as histórias em quadrinhos como ferramentas de reflexão e transformação social, mostrando que o humor e a arte também podem educar e inspirar mudanças.

Mensagem final ao professor: Mais do que produzir HQs bonitas, o que vale é o aprendizado que nasce do diálogo, da escuta e da revisão do olhar.



O(a) professor(a) é o mediador que ajuda os(as) estudantes a perceber que toda história pode ganhar novos sentidos quando contada com respeito, consciência e afeto.

Nesta seção, apresentamos materiais complementares que podem ser utilizados nas oficinas, bem como sugestões de outras obras que podem substituir as apresentadas anteriormente.

O objetivo é oferecer flexibilidade e recursos alternativos para que você, professor(a), possa adaptar as propostas às realidades de sua turma, transformando possíveis “limitações” em novas oportunidades de aprendizagem.

É importante ressaltar que o foco das oficinas não está apenas na leitura da HQ em si, mas principalmente nas reflexões que ela desperta.

Mais do que discutir estereótipos, a proposta é ampliar o olhar sobre a diversidade cultural, explorando como as narrativas gráficas — por meio dos desenhos, falas, cores, cenários e expressões — ajudam a construir visões de mundo, identidades e pertencimentos.

Dessa forma, o ponto-chave das oficinas não é a HQ escolhida, mas o modo como ela é lida, analisada e discutida.

O(a) professor(a) pode utilizar qualquer quadrinho que apresente temas ligados a identidade, diversidade, direitos humanos, convivência e respeito, estimulando o pensamento crítico e o diálogo intercultural.

As oficinas propostas neste guia devem ser vistas como pontos de partida, e não como modelos fixos.

Optamos por apresentar, inicialmente, as HQs de Maurício de Sousa, por serem amplamente conhecidas pelos(as) estudantes e despertarem identificação imediata, o que favorece o engajamento e a participação ativa. Além disso, essas histórias foram o material utilizado na ação pedagógica da pesquisa que deu origem a este Guia, servindo como referência prática para as propostas aqui apresentadas.

No entanto, é importante destacar que essas obras podem — e devem — ser substituídas por outras produções que abordem as mesmas temáticas sob diferentes perspectivas, ampliando o repertório cultural dos estudantes e enriquecendo o debate sobre identidade, representatividade e diversidade.

O essencial é focar no conceito abordado em cada oficina, e não apenas no título da obra. O mais importante é analisar como a linguagem das HQs constrói sentidos sobre o mundo e quais representações e valores estão sendo transmitidos aos leitores.

Assim, caso não seja possível utilizar as HQs mencionadas, o(a) professor(a) pode substituí-las por títulos que abordem temas como identidade, diversidade, justiça social, combate ao preconceito, racismo, convivência e respeito, sempre estimulando o pensamento crítico e o diálogo intercultural.

Para apoiá-lo nesse processo de desenvolvimento conceitual, especialmente na Oficina 1, que trabalha as questões do preconceito e do racismo, sugerimos, como complemento à sua reflexão e formação, o

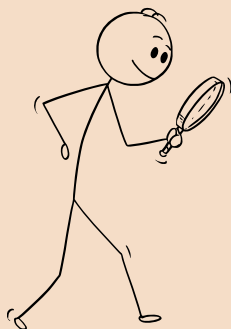
documentário *Olhos Azuis*, de Jane Elliott.

Você já assistiu ao documentário *Olhos Azuis*, de Jane Elliott?

Se ainda não, fica aqui um convite especial. Essa é uma oportunidade valiosa para aprofundar sua compreensão sobre o racismo e suas muitas dimensões — emocionais, sociais e educacionais.

Ao assistir, procure ir além do olhar de espectador.

Perceba como a experiência proposta pela educadora nos coloca no lugar do outro, despertando empatia e nos levando a refletir sobre atitudes e comportamentos que, muitas vezes, passam despercebidos no dia a dia.



JANE ELLIOTT É UMA EDUCADORA NORTE-AMERICANA CONHECIDA PELO EXPERIMENTO “OLHOS AZUIS - OLHOS CASTANHOS”, CRIADO EM 1968 APÓS O ASSASSINATO DE MARTIN LUTHER KING JR.. A ATIVIDADE, QUE DIVIDIA ESTUDANTES PELA COR DOS OLHOS, REVELOU OS EFEITOS DO PRECONCEITO E DA EXCLUSÃO, TORNANDO-SE UMA DAS PRÁTICAS MAIS MARCANTES DE EDUCAÇÃO PARA A EMPATIA E A IGUALDADE. DESDE ENTÃO, ELLIOTT ATUA INTERNACIONALMENTE PROMOVEDO REFLEXÕES SOBRE RACISMO E RESPEITO ÀS DIFERENÇAS.



Ao assistir ao documentário *Olhos Azuis*, você certamente pôde perceber como atitudes discriminatórias são aprendidas, reproduzidas e naturalizadas no cotidiano — muitas vezes de forma sutil, mas com efeitos profundos.

Esse reconhecimento é o primeiro passo para a transformação do olhar e da prática pedagógica. A partir dele, torna-se possível repensar caminhos mais justos, humanos e inclusivos, capazes de acolher e valorizar todas as identidades.

Com esse novo olhar, busque aprofundar-se ainda mais: participe de formações na área das relações étnico-raciais e da educação antirracista, ampliando seu repertório teórico e prático. Essas experiências fortalecem a compreensão sobre os desafios e as possibilidades de uma escola que realmente promove o respeito e a equidade.

E é justamente a partir dessa reflexão que você pode começar a pensar com mais sensibilidade e consciência na proposta das Oficinas, reconhecendo que o trabalho com o tema do preconceito e do racismo vai muito além de conteúdos — trata-se de uma atitude educativa, de uma escolha diária por ensinar com empatia, criticidade e compromisso social.

A seguir, apresentamos algumas sugestões de HQs e outros materiais que dialogam diretamente com os conceitos abordados nas Oficinas, ampliando as possibilidades de leitura, reflexão e criação em sala de aula. Essas obras podem enriquecer o trabalho com as relações étnico-raciais, oferecendo novas perspectivas para discutir identidade, diversidade, respeito e combate ao preconceito com os estudantes.

Na Oficina 1, utilizamos a animação *Os Azuis* para introduzir a discussão sobre racismo e preconceito. No entanto, considerando que nem todas as escolas dispõem de recursos audiovisuais ou acesso à internet para exibição do material, uma alternativa viável é a utilização da adaptação do quadrinho original no formato de livro. Essa versão mantém o mesmo conteúdo e sentido da narrativa gráfica, possibilitando o trabalho com os mesmos temas de forma acessível e reflexiva, sem depender de recursos tecnológicos.

Figura 15 - Capa do livro *Os Azuis*



Os Azuis, de Maurício de Sousa, publicado em 2015 pela Companhia das Letrinhas e ilustrado por Elisabeth Teixeira, é uma adaptação da HQ original de 1971. A história acompanha Mônica, que enfrenta o desafio de ser diferente fisicamente dos outros — uma metáfora poderosa sobre identidade e preconceito. Entre medo, confusão e isolamento, ela sente o peso de não ser compreendida e o afastamento das pessoas à sua volta. A narrativa convida o leitor a refletir sobre amizade, empatia e justiça, mostrando como reconhecer e valorizar as diferenças é essencial para construir relações mais humanas.



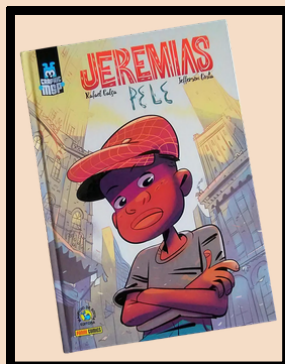
Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br/livro/turma-da-monica-em-os-azuis-0V5-8252-000-BK>

Outro material interessante para introduzir a discussão sobre racismo, como alternativa ao que foi apresentado até aqui, é a obra *Jeremias Pele*. O livro aborda, de forma sensível e acessível, as experiências de um jovem negro diante de situações de preconceito e discriminação. A narrativa permite que os participantes reflitam sobre identidade, empatia e respeito às diferenças, oferecendo um ponto de partida rico para debates sobre racismo, estereótipos e atitudes justas no convívio social.

Jeremias Pele, escrita por Rafael Calça e ilustrada por Jefferson Costa, conta a história de um menino negro que enfrenta o racismo e aprende a valorizar sua identidade. Calça, roteirista e autor negro, e Costa, ilustrador e quadrinista também negro, unem sensibilidade e arte para abordar temas como preconceito, autoestima e pertencimento. Premiada com o Prêmio Jabuti de 2019, a obra se destaca por seu valor educativo e social.



Figura 16 - Capa do livro *Jeremias Pele*



Fonte: <https://nanossaestante.com.br/2018/05/jeremias-pele-hq/>

Na Oficina 2, a abordagem continuou sendo o preconceito e o racismo, apresentando a história de Martin Luther King Jr. e Rosa Parks. Como alternativa aos vídeos sobre esses personagens, pode-se utilizar o texto *O gesto de Rosa Parks – A “mestra” de Martin Luther King Jr.*, de Reginaldo José da Silva, disponível em: <http://izabelahendrix.edu.br/humanidades1/ser-humano-relacoes/artigos/arquivos/rosaparks.pdf>

O texto oferece uma análise acessível e reflexiva sobre o impacto do ato de Rosa Parks e sua influência no movimento pelos direitos civis, enriquecendo a compreensão sobre resistência pacífica e ativismo contra a discriminação racial.



Além disso, esse texto pode ser utilizado como complemento na discussão da obra *Jeremias Pele*, que também aborda o enfrentamento ao racismo e a busca por justiça e igualdade. Enquanto Martin Luther King Jr. e Rosa Parks atuaram historicamente na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, Jeremias apresenta essas questões de forma narrativa e acessível para jovens leitores, permitindo que compreendam os impactos do preconceito e a importância da empatia. Assim como

Rosa Parks questionou a injustiça em seu cotidiano e Martin Luther King Jr. inspirou mudanças por meio de sua liderança pacífica, a história de Jeremias mostra como pequenas ações e escolhas também podem transformar o convívio social, promovendo o respeito às diferenças e a valorização da justiça desde cedo.

Esse pode ser um caminho para a construção de uma sequência didática, mas há outras possibilidades igualmente ricas, como apresentar aos(as) estudantes a história de Chico Rei, figura simbólica da resistência negra no Brasil, cuja trajetória inspira reflexões sobre liberdade, dignidade e luta coletiva.

A história de Chico Rei pode ser relacionada à obra *Jeremias Pele* por meio do tema da resistência e da valorização da identidade negra. Ambos os personagens enfrentam o racismo e as injustiças de suas épocas, cada um à sua maneira.

Enquanto Chico Rei, personagem histórico real — um rei africano escravizado no Brasil —, utilizou sua força, inteligência e solidariedade para conquistar a própria liberdade e libertar outros de seu povo, Jeremias, personagem ficcional criado por Maurício de Sousa e que ganha vida na narrativa contemporânea de Rafael Calça e Jefferson Costa, enfrenta o preconceito e busca afirmar sua identidade em meio aos desafios do cotidiano. Ambos representam heróis negros que lutam contra sistemas opressores: Chico Rei no contexto histórico da escravidão e Jeremias no contexto do racismo estrutural da sociedade atual.

A partir dessa relação, o(a) professor(a) pode propor uma atividade de produção de histórias em quadrinhos, convidando os(as) estudantes a criarem seus próprios heróis negros, inspirados em figuras históricas como Chico Rei, que simboliza a força, a inteligência e a resistência do povo negro diante da opressão. Essa proposta é especialmente relevante diante da carência de quadrinhos que retratem heróis e heroínas negras, oferecendo aos estudantes a oportunidade de preencher essa lacuna com novas narrativas de representatividade e valorização da identidade negra. Além de estimular a criatividade e a expressão artística, a atividade contribui para o protagonismo negro e a construção de uma educação antirracista, promovendo reflexões sobre liberdade, igualdade e justiça social.



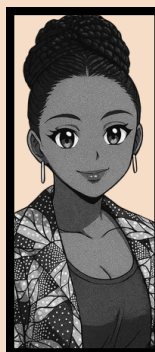
Conversando sobre os estereótipos e suas representações nas HQs

Professor(a), quando falamos em estereótipos, estamos nos referindo a imagens fixas e simplificadas que construímos sobre pessoas ou grupos. Essas representações, muitas vezes, parecem inofensivas, mas, na prática, reforçam preconceitos e desigualdades.

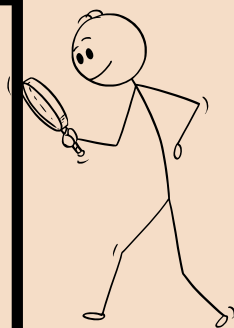
Esse é um conceito que atravessa várias propostas deste guia e é aprofundado em diferentes momentos das oficinas — especialmente na Oficina 3, que aborda os estereótipos relacionados ao padrão de beleza; na Oficina 4, que discute como os cabelos crespos são frequentemente estereotipados; e na Oficina 5, que propõe uma reflexão sobre os estereótipos que envolvem os povos indígenas.

No cotidiano escolar, é comum que esses estereótipos apareçam de forma sutil, seja em comentários, brincadeiras, expressões artísticas ou mesmo em histórias em quadrinhos (HQs). Por isso, reconhecê-los e discuti-los com os(as) estudantes é um passo essencial para promover uma educação antirracista, crítica e transformadora.

Para ampliar essa reflexão, sugerimos que você, professor(a), assista ao vídeo *O perigo da história única*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.



CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE É UMA ESCRITORA NIGERIANA RECONHECIDA INTERNACIONALMENTE POR SUAS OBRAS QUE TRATAM DE TEMAS COMO IDENTIDADE, RACISMO, GÊNERO E DIVERSIDADE CULTURAL. AUTORA DE LIVROS COMO *HIBISCO ROXO*, *MEIO SOL AMARELO* E *AMERICANAH*, ELA TAMBÉM É CONHECIDA PELA PALESTRA *O PERIGO DA HISTÓRIA ÚNICA*, EM QUE FALA SOBRE COMO OUVIR APENAS UMA VERSÃO DAS HISTÓRIAS PODE CRIAR ESTEREÓTIPOS E VISÕES DISTORCIDAS SOBRE PESSOAS E CULTURAS.



Nesse vídeo, Chimamanda compartilha experiências pessoais que mostram como uma única narrativa sobre um povo, uma cultura ou uma identidade pode distorcer a forma como enxergamos o outro. Ela nos faz pensar sobre o poder das histórias — e também sobre o perigo de ouvir sempre as mesmas vozes, enquanto tantas outras permanecem silenciadas.

Ao relacionar essa reflexão com o que foi discutido nas oficinas, percebemos que os estereótipos funcionam exatamente como essas “histórias únicas”: eles reduzem pessoas a rótulos e apagam a diversidade de vivências, saberes e identidades.

Assim como Chimamanda defende, é papel da escola abrir espaço para múltiplas narrativas, permitindo que diferentes histórias, corpos e vozes ocupem lugar de destaque no processo educativo.

Sugerimos que você, professor(a), assista ao vídeo a seguir, no qual Nobu Chinen analisa como a representação hegemônica e estereotipada de certos grupos — como negros, indígenas e asiáticos — nos quadrinhos é resultado de uma herança histórica de distorções visuais e culturais.

No caso das pessoas negras, por exemplo, ele explica que os traços exagerados — como a cabeça arredondada, os olhos esbugalhados e os lábios desproporcionais — têm origem direta no *Blackface* e na cultura dos *minstrel shows* americanos. Essas práticas, comuns no passado, serviram para ridicularizar pessoas negras e influenciaram profundamente a forma como elas foram representadas nas artes e na mídia, incluindo as histórias em quadrinhos.



YouTube

Essas caricaturas contribuem para a construção do que chamamos, neste material, de “história única visual”, um modo recorrente de representar determinados grupos sociais por meio de imagens simplificadas e estereotipadas, conceito proposto por Edwilson da Silva Andrade, um dos autores deste guia, a partir da noção de “história única”, de Chimamanda Ngozi Adichie. Inspirada nesse conceito, essa abordagem visual ensinou, por décadas, gerações a enxergar a negritude, as identidades indígenas e asiáticas a partir de uma lente pejorativa e desumanizadora, reforçando preconceitos raciais, estéticos e culturais e apagando a pluralidade e a riqueza dessas identidades.

Para além da análise crítica, é essencial que o(a) professor(a) apresente aos(às) estudantes novas narrativas, que valorizem a diversidade étnica e cultural e rompam com os estereótipos

historicamente reproduzidos nas HQs.

Selecionar quadrinhos que tragam protagonistas negros, indígenas e asiáticos em papéis complexos e positivos é uma forma potente de ampliar o olhar dos estudantes e promover o reconhecimento e o respeito às diferenças.

A seguir, algumas sugestões de obras que podem ser utilizadas para desconstruir estereótipos e fortalecer identidades plurais:

Figura 17 - Capa do livro *O saci verdadeiro*



O Saci Verdadeiro é uma história de Olívio Jekupé, com quadrinhos de Stefano Lolly, que apresenta o personagem Karaí, um menino indígena. Desde cedo, Karaí aprendeu com sua mãe diversas histórias sobre o seu povo, sendo a sua favorita a de Jaxy Jaterê, protetor das florestas e das pessoas. Ao começar a frequentar a escola, Karaí descobriu a existência de um livro sobre Saci-Pererê, o nome dado pelos não índios ao mesmo personagem. Isso deixou o curumim confuso: afinal, qual seria o Saci verdadeiro? A obra é um excelente recurso para desconstruir estereótipos de que indígenas não estudam ou não produzem conhecimento, mostrando que suas narrativas possuem valor histórico, cultural e educativo.

Fonte: <https://www.pandabooks.com.br/panda-books/infantil/o-saci-verdadeiro>

Para saber mais...



YouTube



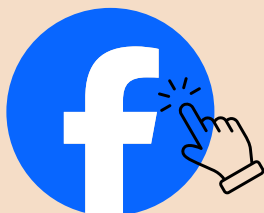
Figura 18 - Capa do livro *Os donos da terra*



O livro *Os Donos da Terra*, criado a partir de relatos reais por Daniela Fernandes Alarcón, Vitor Flynn Paciornik e Glicéria Jesus da Silva, desconstrói estereótipos ao revelar a força e a beleza da resistência indígena contemporânea. A obra aborda temas como luta pela terra, desigualdade e preservação da identidade, mostrando que a cultura indígena é viva, plural e resiliente. É um excelente recurso para refletir com os(as) estudantes sobre a atualidade e a diversidade dos povos indígenas, rompendo com visões folclorizadas e preconceituosas.

Fonte: <https://editoraelefante.com.br/produto/os-donos-da-terra/>

Uma outra opção para trabalhar a temática dos estereótipos é utilizar as tirinhas do personagem Armandinho, disponíveis na página oficial do personagem no Facebook. Essas tirinhas abordam, de forma leve e sensível, questões como preconceito, empatia, diversidade e respeito às diferenças, permitindo ao professor promover conversas significativas sobre como os estereótipos são construídos e reproduzidos no cotidiano.



Outra excelente alternativa são as tirinhas da personagem Rê Tinta, criadas por Estevão Ribeiro, especialmente a que trata da expressão “lápis cor da pele”, amplamente disponível na internet. Nessa tirinha, o autor propõe uma reflexão poderosa sobre representatividade, identidade e diversidade racial, questionando a ideia de um único tom de pele como padrão universal.

Esses materiais, por serem curtos, acessíveis e próximos da linguagem dos(as) estudantes, são ótimos recursos para estimular o pensamento crítico, valorizar as diferenças e incentivar o diálogo sobre a importância da inclusão e da equidade racial nas produções artísticas e nas relações sociais.

Além dessas produções, o Ministério Público do Trabalho (MPT) disponibiliza diversas histórias em quadrinhos que podem ser utilizadas para trabalhar os conceitos abordados nas oficinas e servir como recursos pedagógicos complementares para ampliar o debate em sala de aula.

Entre elas, destaca-se a HQ *Antirracismo Futebol Clube*, um material educativo que aborda, de forma clara e acessível, temas como injúria racial, discriminação e respeito às diferenças. Outras produções relevantes incluem *Prevenção e Combate ao Bullying* e *Racismo x Igualdade*, que também contribuem para a reflexão sobre valores, convivência e justiça social.

Todos esses materiais estão disponíveis gratuitamente no *site* do Ministério Público do Trabalho (MPT), veja no ícone abaixo:



CONSIDERAÇÕES FINAIS



INSTITUTO FEDERAL
Fluminense

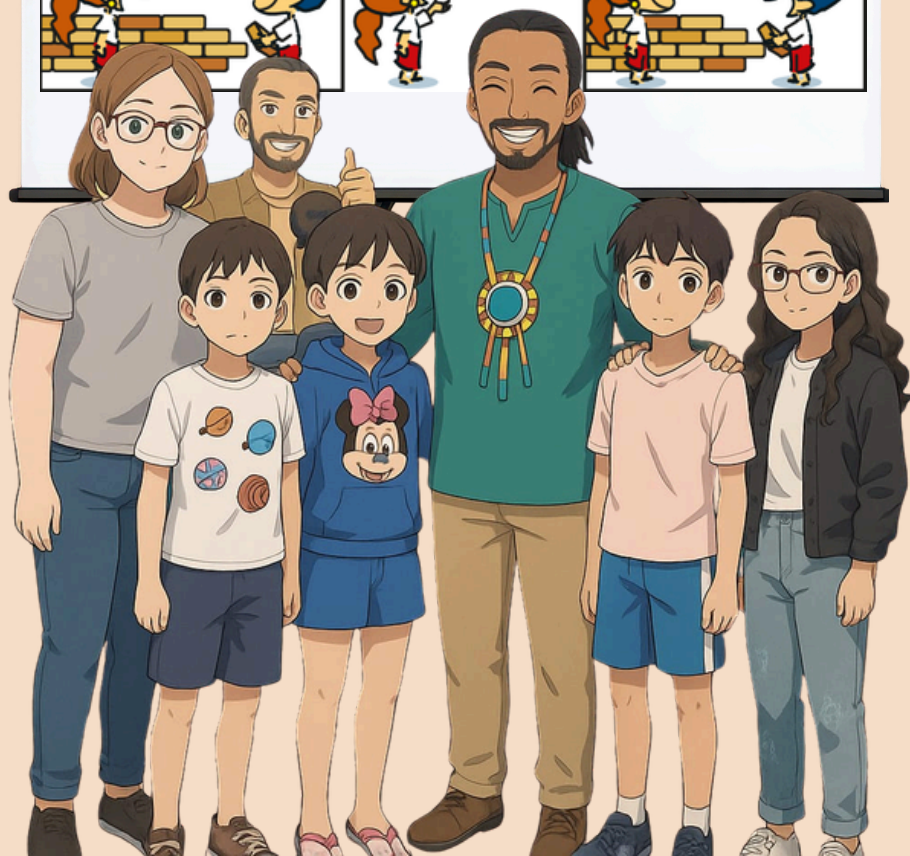
MESTRADO PROFISSIONAL
ENSINO E SUAS
TECNOLOGIAS



...PODEMOS CONSTRUIR
OS MAIORES MUROS!



bookustras@gmail.com



Chegamos ao final deste guia com a certeza de que ele foi elaborado para apoiar você, professor(a), na construção de práticas pedagógicas mais críticas, sensíveis e comprometidas com a valorização da diversidade.

Ao longo das seções e oficinas, buscamos oferecer caminhos para que você possa explorar as histórias em quadrinhos como recursos de aprendizagem, sensibilidade e transformação social.

Mais do que propor atividades, este material deseja inspirar olhares atentos e corações abertos — olhares capazes de reconhecer como os estereótipos, muitas vezes naturalizados, moldam percepções e silenciam vozes.

Mais do que um conjunto de propostas, o Guia *Não Seja Quadrado!* é um convite à reflexão sobre o nosso papel como educadores: formar sujeitos conscientes, empáticos e transformadores.

Ao trabalhar com temas como identidade, diversidade, racismo e representatividade, o(a) educador(a) assume um papel essencial: o de mediador de consciências, alguém que ensina não apenas conteúdos, mas também valores, respeito e empatia.

Sabemos que esse caminho exige coragem, escuta e constante aprendizado. Por isso, reforçamos que este guia é apenas um ponto de partida.

Cada escola, cada turma e cada realidade trarão novas possibilidades de leitura, diálogo e criação.

Nesse processo, sugerimos que o(a) professor(a) busque formações continuadas, troque experiências com colegas e amplie seu repertório sobre educação antirracista e relações étnico-raciais — porque educar para a diversidade é uma tarefa que se renova a cada dia.

Ensinar sobre diversidade é, acima de tudo, ensinar a ver o outro com humanidade.

O nosso desejo, enquanto professores, pesquisadores e idealizadores deste trabalho, é que este material sirva como fonte de inspiração e reflexão, fortalecendo o compromisso de todos nós com uma educação crítica, plural e humanizadora.

Que as HQs, com suas imagens, cores e palavras, continuem sendo pontes — pontes que ligam mundos, culturas e pessoas, ajudando nossos estudantes a enxergarem a si mesmos e aos outros com mais sensibilidade, empatia e amorosidade.

Temos certeza de que esta página não encerra a aventura de trabalhar com os quadrinhos para discutir o racismo em sala de aula — pelo contrário, ela marca o início de uma nova história: uma história de aventuras, diálogos e descobertas, em que você, professor(a), é o(a) autor(a) e seus(as) estudantes, os grandes protagonistas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. 520 p.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco roxo**. Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 328 p.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Meio sol amarelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 504 p.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. Vídeo. YouTube, ago. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gDovHZVdyVQ>. Acesso em: 29 jan. 2026.

ALARCON, Daniela Fernandes; PACIORNIK, Vitor Flynn; SILVA, Glicéria Jesus da. **Os donos da terra**. São Paulo: Editora Elefante, 2020. 172 p.

ASSOCIAÇÃO JUÍZES PARA A DEMOCRACIA (AJD) et al. **Cartilha em quadrinhos: os direitos das pessoas indígenas em conflito com a lei**. São Paulo: AJD; CIMI; IBCCRIM; IISC; ITTC, 2020. 24 p.

BECK, Alexandre Cechetto. **Armandinho**. Página do Facebook – Armandinho. Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho>. Acesso em: 25 abr. 2025.

BRASIL. **Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989**. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 6 jan. 1989. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em: 28 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.811 de 12 de janeiro de 2024**. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), a Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990 (Lei dos Crimes Hediondos), e a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para dispor sobre crimes contra a dignidade sexual de crianças e adolescentes, estabelecer medidas de prevenção e de combate à violência contra a criança e o adolescente, tipificar os crimes de *bullying* e *cyberbullying*, e dispor sobre aumento de pena de crimes contra a honra praticados ou divulgados em quaisquer modalidades de redes sociais, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 15 jan. 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14811.htm. Acesso em: 28 set. 2025.

CALÇA, Rafael. **Jeremias Pele**. Ilustrações de Jefferson Costa. São Paulo: Panini, 2019. 96 p.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: selo negro, 2000. 600p.

CHICO REI. Vídeo. YouTube, dez. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UZHCCCLwZqgk>. Acesso em: 29 jan. 2026.

CHINEN, Nobuyoshi. **O negro nos quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2019. 344 p.

CHINEN, Nobuyoshi. **A maneira estereotipada que o negro era representado nos quadrinhos**. Vídeo. YouTube, abr. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lzOxFhXNHlQ>. Acesso em: 29 jan. 2026.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Tradução Luíza Carlos Borges. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 150 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Planejamento do trabalho pedagógico: plano de intervenção pedagógica, unidade didática, sequência didática e aula – parte 2**. Curso Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA). Trilha Professores do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Material de formação continuada (slides). Rio de Janeiro, 2025.

GADIOLI, Monique Ferreira; MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. Branquitude e cotidiano escolar. In: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço (org.). **Branquitude**. Curitiba: Appris, 2017. p. 277-292

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: SANTOS, Sales Augusto dos (org.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 83-96.

HOOKS, bell. **Meu crespo é de rainha**. Ilustrações de Chris Raschka. Tradução de Nina Rizzi. São Paulo: Boitatá, 2019. 32 p.

JEKUPE, Olívio. **Literatura verdadeiramente brasileira**. Vídeo. YouTube, jul. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eXYHkTZSWDQ>. Acesso em: 29 jan. 2026.

JEKUPE, Olívio. **O saci verdadeiro**. Ilustrações de Stefano Lolli. São Paulo: Panda Books, 2021. 32 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2007.

LUYTEN, Sonia M. Bibe (org.). **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. 94 p.

Martin Luther King | Consciência Negra. YouTube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tjJZL_PoM0U. Acesso em: 12 out. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MUNANGA, Kabengele. **Racismo - o crime perfeito**. YouTube, dez. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lf6c86WFjs>. Acesso em: 12 out. 2025.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 62, p. 20-31, nov, 2015.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO (Brasil). MPT em quadrinhos: todas as edições. [s.d.]. Disponível em: <https://mptemquadrinhos.com.br/todas-as-edicoes/>. Acesso em: 29 jan. 2026.

PACIORNIK, Vitor Flynn. **Xondaro**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; Editora Elefante, 2016. 60 p.

PESSANHA, Luciana. **Os cachinhos de Malaika**. São Paulo: Ases da Literatura, 2021. 32 p.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 160 p.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2022. 155 p.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação**. São Paulo: Parábola, 2018. 128 p.

RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. E-book. 79 p.

ROSA PARKS para crianças – biografia. YouTube, jun. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qG8eol_P8YI. Acesso em: 12 out. 2025.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **Para ler os quadrinhos Disney: linguagem, evolução e análise de HQs.** São Paulo: Paulinas, 2002. 316 p.

SEDA (campanha publicitária). **Uma princesa puxa outra.** YouTube, out. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6PQbcgd4TLk>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SILVA, Reginaldo José da. **O gesto de Rosa Parks: a “mestra” de Martin Luther King Jr.** [s.d.]. Disponível em: <http://izabelahendrix.edu.br/humanidades1/ser-humano-relacoes/artigos/arquivos/rosaparks.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SOUSA, Maurício de. **Almanaque temático: Cebolinha – invenções;** Cascão em Capitão Bonitão. São Paulo: Panini, n. 2, abr. 2007. p. 71–83.

SOUSA, Maurício de. **Magali.** Magali em Menu cabelal. São Paulo: Globo, n. 355, jul. 2002. p. 14–18.

SOUSA, Mauricio de. **Os azuis.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015. 48 p.

SOUSA, Maurício de. **Os Azuis – Turma da Mônica.** YouTube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QX82lStJTGI>. Acesso em: 10 out. 2025.

SOUZA, Allan de. **O meu cabelo é bem bonito.** YouTube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BKVB3FPjlrI>. Acesso em: 15 out. 2025.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. **O Tico-Tico 100 anos: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil.** São Paulo: Opera Graphica, 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQS no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 7-29.

VERHAAG, Bertram; ELLIOTT, Jane. **Olhos azuis.** 1996. Documentário (vídeo). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AeiXBLAlpQ>. Acesso em: 15 out. 2025.

VILELA, Tulio. Os quadrinhos na aula de história. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 105-129.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE
Campus Campos Centro
RUA DOUTOR SIQUEIRA, 273, PARQUE DOM BOSCO, CAMPOS DOS GOYTACAZES / RJ, CEP 28030130
Fone: (22) 2726-2903, (22) 2726-2906

PARECER 3/2026 - CALLCC/DAESLCC/DIRESLCC/DIRACADCC/DGCCENTRO/IFFLU

16 de março de 2026

FICHA DE AVALIAÇÃO DE PRODUTO EDUCACIONAL (PE)

DADOS GERAIS

Data: 27/02/2026

Aluno (a): Edwilson da Silva Andrade

Produto Educacional: **NÃO SEJA QUADRADO!**: Guia prático para discussão do racismo no Ensino Fundamental a partir das Histórias em Quadrinhos - HQs

Subtipo de PE: Material didático

Linha de Pesquisa: Processos de aprendizagem (Educação de Jovens e Adultos, Ensino Médio, Técnico, Profissionalizante: Metodologias e Tecnologias)

Aderência à Linha de Pesquisa: Alta

Dissertação: Educação, relações étnico-raciais e histórias em quadrinhos: uma proposta pedagógica para a discussão do racismo com estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental

Finalidade: Este guia propõe a integração dos quadrinhos com as tecnologias, inclusive as digitais, explorando desde o uso de lousas interativas até plataformas *online* para a realização de oficinas. Essa proposta valoriza a linguagem dos estudantes e promove aprendizagens mais significativas, participativas e inclusivas. Ao incentivar a desconstrução de estereótipos frequentemente presentes nas narrativas visuais, o material também estimula o protagonismo estudantil, convidando os(as) estudantes a criarem suas próprias histórias e a ampliarem seus repertórios culturais e sociais.

Este guia é fruto de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino e suas Tecnologias (MPET) do Instituto Federal Fluminense (IFF), cuja aplicação pedagógica ocorreu por meio de oficinas com turmas do 5º ano e se destina a educadores, entendidos como agentes ativos na promoção de uma escola mais justa, diversa e comprometida com a equidade racial. A pesquisa gerou, além deste guia, a dissertação intitulada *Educação, relações étnico-raciais e histórias em quadrinhos*: uma proposta pedagógica para a discussão do racismo com estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, disponível na página oficial desse programa de pós-graduação do IFF.

IMPACTO

(Compreende-se como uma propriedade do PE relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação do Produto Educacional.).

Nível de Impacto: Alto

Tipo de Impacto: Real

Demanda: Espontânea

Objetivo da Pesquisa: Resolução de uma problemática identificada

Descrição do Impacto: De acordo com dados da pesquisa, coletados durante as oficinas pedagógicas, e, a partir das análises das atividades textuais e dos quadrinhos produzidos pelos estudantes, os resultados foram positivos, porque o PE permitiu que tais estudantes mudassem suas perspectivas sobre a percepção do racismo, de preconceitos, estereótipos e das condições de exclusão e marginalidade social decorrentes, superando, assim, uma situação de ignorância e alienação prévias em proveito da emancipação de suas consciências, como propõem as teorias freireanas.

COMPLEXIDADE

(Compreende-se como uma propriedade do PE relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação do Produto Educacional).

Nível de Complexidade: Médio

Originário de observação/ prática profissional? Sim

Conectado à questão de pesquisa? Sim

Metodologia Adequada? Sim

Conectado ao referencial teórico? Sim

Clara delimitação de uso? Sim

APLICABILIDADE

(Relaciona-se ao potencial de facilidade de acesso e compartilhamento que o PE possui, para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas).

Estágio Tecnológico: Finalizado/Implementado

É replicável? Sim

Justificativa para replicabilidade: Este Guia é relevante e útil para professores da Educação Básica que tratem de questões étnico-raciais, racismo, preconceito, estereótipos, marginalização, exclusão social, a partir de histórias em quadrinhos e narrativas visuais. Além disso, faculta a possibilidade de discussão destas narrativas para a conscientização e formação crítica e emancipadora de jovens cidadãos.

INOVAÇÃO

(Considera-se que o PE é/foi criado a partir de algo novo ou da reflexão e modificação de algo já existente revisitado de forma inovadora e original).

Justificativa para Teor da Inovação: A proposta é inovadora, porque se vale da análise de histórias em quadrinhos e outras narrativas visuais, representativas de questões étnico-raciais entranhadas em nossa realidade e promotoras de práticas racistas. Inovadora também, porque oferece a educadores referencial teórico e visual adequado sobre tais questões e estratégias pedagógicas possíveis para conscientização e mudança comportamental dos educandos.

Teor de Inovação: Alta

ABRANGÊNCIA

Descrição da Abrangência: Nacional

Avaliação Final /Observações: O produto educacional é pertinente, porque articula, de forma efetiva, teoria e prática, valendo-se da análise de histórias em quadrinhos e outras narrativas visuais no intuito de formação crítica dos educandos.

Nota: 10,0 (DEZ)

Documento assinado eletronicamente por:

- **Analice de Oliveira Martins**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 16/03/2026 15:59:37.
- **Erica Luciana de Souza Silva**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 16/03/2026 16:18:15.
- **Adriano Carlos Moura**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 16/03/2026 16:28:34.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 16/03/2026. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.iff.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 725834
Código de Autenticação: 62aa44dca5





INSTITUTO FEDERAL
Fluminense
Campus Campos Centro

Que cada página inspire você, professor(a), a criar pontes com seus estudantes, usando os quadrinhos como ferramentas de diálogo, empatia e resistência.

PROGRAMA PROFISSIONAL EM
ENSINO E SUAS
TECNOLOGIAS



2026